

Sumário maio-junho de 2010

Vida espiritual

- 162 Carta de 24 de abril de 2010
À todas as Filhas da Caridade
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 164 Carta de 22 de maio de 2010
À todas as Filhas da Caridade
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 166 Com Maria, “deixemo-nos transformar pelo Espírito”
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

Desafios atuais

- 180 - O “princípio petrino” vivido por João Paulo II
Florença Gillet, teóloga

Hoje, com os Fundadores

- 197 Província da Nigéria: as FC a serviço das crianças de rua em Kumasi, no Gana
Irmã Joséphine Okwori, Filha da Caridade

Notícias das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 201 Província do Congo Congo
“Ele livrará o infeliz que o invoca, e o miserável que não tem amparo”
Irmãs da Província
- 203 Quase Província
Uma Filha da Caridade “Justa entre as Nações”
- 206 Província da Tailândia
10 Anos de presença em Laos
Irmãs da Província

Testemunho da Família Vicentina

- 210 Casa Mãe, 29-31 de janeiro de 2010
16º Encontro da Família Vicentina
Trecho da Ata

História da Companhia

Ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

- 217 Luísa de Marillac, organizadora
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade
- 223 A espiritualidade de São Vicente e de Santa Luísa
Padre Benito Martinez, cm

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 24 de abril de 2010

A todas as Filhas da Caridade

Minha querida Irmã,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Há poucos dias, recebi uma excelente notícia do Padre Guerra, Postulador da Congregação da Missão. Ele me escreveu dizendo que, dia 17 de abril próximo passado em Roma, o Congresso dos Teólogos aceitou unanimemente o martírio da serva de Deus, Margarida Rutan, Filha da Caridade guilhotinada em Dax durante a Revolução francesa, em 1794.

O Padre Guerra acrescentou que, agora, é preciso esperar a próxima reunião dos Cardeais, seguida da decisão final do Santo Padre e que a beatificação de Irmã Margarida poderá muito provavelmente ser celebrada em Dax – lugar eminentemente vicentino – nos próximos meses. O resultado da causa de Irmã Margarida, introduzida no princípio do século XX, é uma graça neste ano jubilar do 350º aniversário da morte de Santa Luísa e de São Vicente.

Agora, teremos que conhecer esta Filha da Caridade que viveu nos anos da tormenta revolucionária, enfrentando múltiplas opressões e perseguições para continuar servindo os doentes e finalmente doou sua vida, por permanecer fiel ao seu Senhor e à Igreja. O eco da Companhia no-lo apresentará brevemente.

As outras notícias de família referem-se primeiramente às nossas Irmãs do Haiti. Se o terremoto de 12 de janeiro não está mais nas primeiras páginas dos jornais, Irmã Maria Teresa Tapia, Visitadora, comunica que a situação das vítimas é ainda extremamente precária e a distribuição de socorros caótica. No entanto, ela destaca também que os sinais de esperança se multiplicam; assim, as escolas de nossas Irmãs reabriram, as classes funcionam sob grandes barracas e começam a ser desenhados os planos para a reconstrução da escola João Paulo II ao lado da que foi a Casa Provincial.

Nossas Irmãs retomaram igualmente, a maioria dos seus serviços habituais e organizaram missões em povoados distantes da capital, para cuidar dos doentes e dos idosos abandonados. O primeiro grupo de Irmãs voluntárias enviadas vai retornar e seis Irmãs de outras Províncias irão substituí-las. Esta experiência de solidariedade interprovincial marcará profundamente as Irmãs do Haiti e as próprias Irmãs voluntárias, sem falar daqueles e daquelas que ajudaram, com quem elas colaboraram. Por outro lado, as Irmãs do Haiti que viveram o horror do terremoto puderam ausentar-se por alguns dias, indo para suas famílias, ou suas Províncias de origem, seja em Santo Domingo ou Porto Rico, Províncias vizinhas que demonstraram tanta criatividade e generosidade.

Do mesmo modo, no Chile, a criatividade e a audácia estão em ação. As Irmãs organizaram uma operação “Caridade e Missão” para visitar, cuidar e reconfortar as vítimas do terremoto de 27 de fevereiro. Elas concentraram seus esforços em duas regiões e estabeleceram um plano de ação em concertação com a Família Vicentina do Chile e a participação de Irmãs de outras Províncias da América Latina. Este projeto missionário bem elaborado já avança com entusiasmo.

Todas nós, comungamos com os esforços das Irmãs que lá estão através do pensamento e da oração e testemunhando, lá onde estamos, a nossa alegria de ser Filhas da Caridade.

Amanhã, rezaremos juntas pelas vocações e, neste ano sacerdotal e vicentino, pediremos ao Senhor, vocações para os Padres da Missão. O tema do 47º Dia Mundial **o testemunho suscita vocações** nos reenvia ao nosso Documento Interassembleias: “*Abramos nossas comunidades para que outras pessoas possam viver experiências de oração e de serviço aos pobres*”. Como escreve o Papa

Bento XVI em sua carta por ocasião deste dia, o “*testemunho pode suscitar noutras pessoas o desejo de, por sua vez, corresponder com generosidade ao apelo de Cristo*”.

Na alegria deste tempo pascal, asseguro-lhes minha oração na intenção de cada Irmã e minha afeição fraterna,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 22 de maio de 2010

À todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

Feliz e santa festa de Pentecostes!

Este ano jubilar, que nós celebramos, na alegria e gratidão, para comemorar o 350º aniversário da morte de São Vicente e de Santa Luísa, é, para toda a Companhia, um tempo de graças e bênçãos, durante o qual florescem mil iniciativas para tornar conhecido o carisma vicentino. Também é um apelo a reacender o fogo da **caridade** nos caminhos da **missão** do mundo.

Unidas com toda a Família Vicentina, damos graças a Deus pelo tesouro do qual somos herdeiras, pela fidelidade de tantas Irmãs que nos precederam neste caminho e que chegaram à missão definitiva do céu com a lâmpada da caridade acesa.

Com efeito, a Companhia é chamada a viver em estado de caridade, em estado de missão. Caridade e missão caminham juntas. A caridade sem missão é inconcebível; a missão sem caridade não tem sentido. A caridade se realiza plenamente na missão. A missão se alimenta da caridade.

A Assembleia-geral de 2009 convidou-nos a percorrer o caminho dos seis próximos anos com um ardor renovado, deixando-nos transformar pelo Espírito. Recordou com insistência que a “Companhia é missionária por natureza”¹, que a Caridade de Jesus Cristo ressuscitado nos impele e não tem fronteiras². É o fio condutor que deve orientar cada um de nossos passos para manter viva a chama do carisma, conscientes que somos responsáveis pela Companhia do futuro³.

Como atizar o fogo missionário que nossos Fundadores acenderam na Companhia? O eco de suas palavras ressoa com força em nossos corações quando, mesmo em meio de grandes dificuldades, eles não hesitaram em enviar as Filhas da Caridade pelos caminhos do mundo: “*É assim que deves proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir onde Deus quiser; se for a África, para África..., sois Filhas da Caridade, deves ir para ali*”⁴.

Durante nosso tempo de reflexão no Conselho geral, nós nos perguntamos o que desejaríamos para a Companhia como fruto concreto deste ano jubilar, para quais pobres São Vicente e Santa Luísa nos enviariam hoje, quais caminhos missionários abririam? Imaginamos que eles desejariam criar novas implantações, particularmente na África, reforçar algumas missões em países muçulmanos e em outros

lugares de extrema dificuldade e inventar um novo tipo de missão; por isso, lançamos um apelo missionário a cada Irmã em particular. Cada uma saberá, na oração e no discernimento, como responder a este apelo... pela disponibilidade de ser enviada em missão, pela generosidade deixando partir uma Irmã, pela oração, a oferta...

Com Santa Luísa e com a Virgem Maria, imploremos o dom do Espírito para que a Companhia viva num contínuo Pentecostes, para que permaneçamos em estado de disponibilidade, a fim de responder com audácia e profecia os apelos dos pobres “daqui e dali” e ao apelo concreto deste ano jubilar.

Com minha afeição fraterna e a certeza de minha oração,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

¹ C. 25a

² Cf. 2 Cor 5,14

³ Cf. Doc. Interassembleias 2009-2015, p. 15 e 25,

⁴ São Vicente, Conf. 18 de outubro de 1655, p. 547

DOCUMENTO INTERASSEMBLEIAS 2009-2015

Com Maria, “*Deixemo-nos transformar pelo Espírito*”

Introdução

No dia 21 de novembro de 1964, depois da adoção da Constituição sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI declarou: “*Hoje, com a promulgação da Constituição que tem, como ápice e coroação, todo um capítulo dedicado à Virgem, podemos afirmar com justiça que a presente sessão se conclui, por um hino incomparável de louvor em honra de Maria. Com efeito, é a primeira vez... que um Concílio ecumênico apresenta uma síntese tão vasta da doutrina católica sobre o lugar que, a Santíssima Virgem Maria ocupa, no mistério do Cristo e da Igreja*”¹. A intuição fundamental do Concílio consistia em situar Maria no mistério de seu Filho e no da Igreja. Maria é a junção da Salvação. “*O conhecimento de minha verdadeira doutrina católica sobre Maria constituirá sempre uma chave para a compreensão exata do mistério de Cristo e da Igreja*”². Maria dá a Cristo a primeira experiência de seu despojamento, sinal de seu Amor. É pois, a ela que Cristo fará viver a primeira experiência da Salvação.

Na véspera do grande Jubileu da Encarnação, o Papa João Paulo II sublinhou a função de Maria na revelação da intenção de Deus. Maria se encontra em cada etapa do mistério da Encarnação e da Redenção, ela nos introduz no coração do mistério do Cristo e da Igreja, ao coração do amor que Deus nos revelou e partilhou. Ela é a “porta” que se abre em nosso mundo para que a Palavra do Pai seja enfim recebida. Nas encruzilhadas da estrada de Deus e na estrada dos homens, Maria é a mãe em quem Deus confia para que os homens reencontrem sua vocação de filhos. Contemplando a imagem de Maria iluminada pelo Espírito, nada acrescentamos à Palavra de Deus, aprendemos somente a acolher o Dom de Deus.

No dinamismo do Espírito de Pentecostes e da festa da Visitação, “*deixemo-nos transformar pelo Espírito*”, como no-lo convida o documento interassembleias 2009-2015. Para entrar nesta dinâmica de acolhimento do Espírito, ponhamos um primeiro olhar no lugar de Maria e do Espírito no Novo Testamento, em seguida escutemos o testamento espiritual de Luísa de Marillac referente ao lugar que ela deu em sua vida ao Espírito Santo e à Virgem Maria; finalmente, com Maria, contemplemos alguns pontos importantes do espírito específico das Filhas da Caridade.

I – MARIA E O ESPÍRITO NO NOVO TESTAMENTO

A Bíblia toda, revela o desejo de Deus de estabelecer com os homens, uma aliança realizada em seu coração, pela ação do Espírito a fim de levá-los a encontrar Deus, ensinar-lhes a deixarem-se modelar por seu Sôpro de vida e participar de sua Vida. Em Maria, descobrimos o sucesso da história Santa, a realização perfeita da aliança entre Deus e a humanidade. Nela, contemplamos o modelo de um coração que se abre ao dom de Deus.

Na Bíblia, o Espírito de Deus é omnipresente. Mas os teólogos explicam que somente em três passagens encontramos o Espírito de Deus unindo-se ao verbo **“vir sobre”**. A primeira destas três passagens é o capítulo 32 (v.15) de Isaías, onde este profetiza que o Espírito será derramado no dia da salvação. As duas outras são: a Anunciação e o Pentecostes. O Evangelho segundo São Lucas, especialmente seu Evangelho da infância, nos faz entrar numa dinâmica de acolhimento do Espírito de Deus que realiza a Salvação. O segundo Livro de São Lucas, os Atos dos Apóstolos, é também, inaugurado por uma nova irrupção do Espírito vindo do céu.

MARIA, NO DIA DA ANUNCIAÇÃO

Nas primeiras páginas de seu Evangelho, São Lucas nos faz contemplar a atitude de Maria, respondendo ao anúncio do anjo. No dia da Anunciação, Deus se dá por graça pura, e espera somente um simples sim de um coração, que pela fé, se abre totalmente.

Obviamente, Maria deixou-se preparar pelo Espírito com uma docilidade perfeita: o anjo Gabriel não a chama por seu nome habitual, mas por um novo nome **“cheia de graça”**: Ele a apresenta como obra da graça realizada por Deus. O mistério de Deus é interior ao próprio ser de Maria: **“O Senhor esteja contigo”**. Escolhida para levar Deus a seu povo, Deus se revela e se dá nela.

Se Deus toma a iniciativa em todos os momentos, Maria é quem o acolhe, permitindo-lhe ir até o fim de seu projeto de amor. Quando ela aceita a missão que Deus lhe confia, o anjo Gabriel lhe diz: **“O Espírito Santo virá sobre ti”** (Lc 1, 35); imediatamente, é a concepção do Filho de Deus. Maria fica cheia do Espírito devido a sua missão materna, fica totalmente imersa pelo poder do Espírito. Daí em diante, Maria é movida pelo elã de uma vida nova que a habita, ela irradia o Espírito.

Em Maria, aprendemos a reconhecer a mulher cuja existência tem, por única razão de ser, a missão de Jesus. Ela é a todo instante, puro acolhimento do Espírito; é Deus, e Deus só, é sua vida. Não encontramos nela senão Deus; nela, contemplamos Deus que se dá. Maria é a testemunha e a fonte da nova Criação jorrada do coração de Deus; ela inaugura a missão da Igreja: dar Jesus ao mundo.

MARIA, NO MISTÉRIO DA IGREJA

Ao pé da Cruz, Maria está ali, com os mesmos sentimentos que no primeiro dia. Sua fé, já provada ao longo do ministério de Jesus, é supremamente purificada por sua morte. Totalmente aberta e associada à missão de salvação, Maria acolhe o Espírito do Pai, dado pelo Filho. Na hora de entregar seu Espírito na Cruz, Jesus oferece sua mãe: **“Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: Mulher, eis aí teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E dessa hora em diante o discípulo a levou para a sua casa”**. Assim, a mãe de Jesus se torna “a mãe” que recebe o discípulo, não para refugiar-se em sua casa, mas para fazer de sua morada, a morada do Espírito.

No dia da Ascensão, no momento de subir para o Pai, Jesus, anuncia aos discípulos: **“mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas”** (At 1, 8). Mas os discípulos estão ainda fixos no restabelecimento da realeza para Israel (At 1, 6), o tempo da espera lhe parece longo.

No **Cenáculo**, vê-se os discípulos *“assíduos e unidos na oração, com algumas mulheres e com Maria a Mãe de Jesus e com os irmãos dele, implorando também Maria, com suas orações, o dom daquele Espírito que já tinha estendido sobre ela a sua sombra, na Anunciação”*³. *“Maria em Nazaré e Maria no Cenáculo... Em ambos os casos, a sua presença discreta, mas essencial, indica a via do “nascimento do Espírito”*⁴... Presente no seio do grupo dos discípulos, Maria as ajuda a perseverar na oração, ela os prepara e os dispõe a receber em profundidade o Espírito. Coração aberto que permite à Palavra tornar-se carne, Maria permite também, o nascimento da Igreja, nova criação no Espírito.

“O que nela foi concebido vem do Espírito Santo” (Mt 1, 20) disse o anjo a José, manifestando-lhe que o próprio Deus agia em Maria para fazer nascer Jesus. Esta mesma expressão *“gerado pelo Espírito”* não se encontra, no Novo Testamento, senão uma vez na conversa com Nicodemos onde, três vezes seguidas, ela é aplicada à geração sobrenatural dos cristãos⁵. O mistério da Igreja animado pelo Espírito foi inaugurado em Maria.

Na Anunciação, o Espírito tinha se manifestado em Maria para dar corpo a Jesus; no Cenáculo, o Espírito se manifesta para formar o corpo místico de Jesus. A Obra do Espírito Santo, inaugurada em Maria, se prolonga daí em diante, nos discípulos mergulhados, por sua vez, em seu mistério.

É o nascimento da Igreja e o que segue, *“não é a ida de Maria à casa de Isabel, mas a ida dos apóstolos aos povos de toda a terra: a Visitação da Igreja na escala do mundo”*⁶. Visitados por um sôpro de fogo, os discípulos tomam a Palavra *“em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até as extremidades da terra”*.

O Pentecostes é como a Anunciação dos discípulos: os discípulos estão cheios do Espírito em vista de sua missão de apóstolos.

*“Como a primeira a acreditar... a Igreja se torna Mãe quando,... gera para uma vida nova... os filhos concebidos por obra do Espírito Santo...”*⁷. *“A Igreja apreende de Maria o que é a própria maternidade... assim como Maria está ao serviço do mistério da Incarnação, também a Igreja permanece ao serviço do mistério da adoção como filhos mediante a graça”*⁸. *“É por isso que, “também na sua ação apostólica, a Igreja olha com razão para aquela que gerou Cristo, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja”*⁹.

*“Maria não é só o modelo e figura da Igreja; mas é muito mais do que isso: “com amor de mãe, “ela cooperou para a regeneração e formação” dos filhos e filhas da mãe Igreja... como o ensina o Concílio Vaticano II”*¹⁰.

II – MARIA E O ESPÍRITO NA VIDA DE SANTA LUÍSA

1623, A LUZ DE PENTECOSTES

A “Luz de Pentecostes” de 4 de junho de 1623 foi também, um acontecimento decisivo para Luísa e a Companhia. A profusão do Espírito Santo ilumina o coração de Luísa; ela tem 32 anos e para ela, é o início de um caminho totalmente novo. Depois de um longo e difícil período de incerteza, ela recebe a certeza como uma espécie de promessa que, um dia, ela faria votos de pobreza, castidade e obediência para o serviço dos pobres. “Como se fará isto?” Deus enviará sua ajuda na pessoa de Vicente de Paulo que a guiará. Luísa é inundada por uma “Luz” em vista de sua missão de fundar a Companhia que terá por finalidade, levar aos pobres o fogo do amor de Deus. **O Pentecostes de 1623 é, para Luísa, como uma Anunciação: ser a co-fundadora da Companhia das Filhas da Caridade.**

Como para Maria, foi uma reviravolta na vida de Luísa e, este novo começo vem acompanhado de um sim para o modo de vida indicado por Deus. Animada pela força do Espírito, Luísa tenta com determinação descobrir a vontade de Deus, durante anos, ela se mostra perseverante em perseguir seu objetivo. O Espírito sopra em Luísa, cada vez mais, a vida dos pobres ocupa seu coração.

Mas Luísa sente que Deus espera outra coisa. Ela empenha-se para imitar a paciência dos apóstolos a espera do Espírito Santo, quando Jesus os deixou em sua Ascensão. Por ocasião de um retiro em 1632, ela escreve: *“Devo perseverar na espera do Espírito Santo, mesmo não sabendo o momento de sua vinda; e, aceitando essa ignorância assim como a dos caminhos pelos quais Deus quer que O sirva. Hei de abandonar-me inteiramente às suas disposições para ser toda sua e para preparar a minha alma para isso, hei de, livremente, renunciar a tudo para segui-Lo”* (Escritos Espirituais, p. 810).

Dez anos depois da Luz do Espírito de São Nicolau dos Campos, a festa do Pentecostes de 1623 encaminha Luísa para a clareza plena: os frutos deste, vão se manifestar quando, em novembro de 1633, as primeiras Filhas da Caridade estarão reunidas com Luísa. Doravante, Luísa vai conduzir a Companhia para o Espírito de Pentecostes.

1642: A QUEDA DO SOALHO

Na véspera do Pentecostes de 1642, um outro acontecimento inesperado fortalece a fé de Luísa no Espírito. Enquanto Luísa estava na sala da Casa Mãe onde se faziam as reuniões da comunidade e as Assembleias das Senhoras da Caridade, duas Irmãs vêm, cada uma na sua vez, avisar que ouviram ruídos. Depois da intervenção da segunda Irmã, Luísa concorda em deixar a sala. Ela apenas estava no degrau da porta e o soalho caiu. Este incidente que, poderia ter se transformado em desastre, não é só uma nova ocasião para confiar na Providência, mas um trampolim para acreditar que Deus desejava o crescimento desta obra nascente que Ele protegeu.

Luísa escreverá mais tarde: *“O dia e hora que nosso bom Deus nos permitiu reconhecer sua Divina Providência por acontecimentos tão notáveis como o desabar do soalho de nossa Casa, levaram-me a colocar diante dos olhos a grande transformação interior que tive quando Sua bondade me concedeu luz e esclarecimento sobre as grandes inquietações e dificuldades que experimentava”*¹¹.

Luísa atribui a este acontecimento, uma importância extraordinária e se entrega totalmente à ação do Espírito Santo. Reconhecendo o lugar a dar ao Espírito de amor, ela não quer sobretudo fazer-lhe obstáculo e se mantém nas mesmas *“disposições que os Santos Apóstolos para receber o Espírito Santo”*¹².

Guiada pelo Espírito, o coração de Luísa que se assemelha a um fogo, inflama o coração de suas filhas. Ela pensa que a Companhia *“deve ter uma singular devoção à festa de Pentecostes... e isto de uma maneira bem particular”*¹³. Ela convida as Irmãs a rezar ao Espírito Santo: *“Rezai por nós, queridas Irmãs, para que seja do agrado de Nosso Senhor Jesus Cristo comunicar-vos seu Espírito nesta santa festa, e assim, nos vejamos tão cheias dele, que nada possamos dizer nem fazer senão para sua glória e seu santo Amor”*¹⁴. *“Que todas as nossas Irmãs pratiquem, todos os anos, algum exercício interior da Ascensão a Pentecostes, honrando os desígnios que o Filho de Deus teve quando ordenou a seus Apóstolos que permanecessem, passivamente, à espera da vinda do Espírito Santo...”*¹⁵

Com o passar dos anos, Luísa se abre, cada vez mais, ao Espírito Santo, deixando transparecer claramente, que ela possui uma graça extraordinária: a do *“puro amor”*. Sobre o poder do amor no Espírito Santo, ela escreve páginas magníficas destinadas a todas as Filhas da Caridade que são chamadas por Nosso Senhor, à *“prática do puro amor”*. O *“puro amor”* que ela vive e do qual comunica a chama, impulsiona mais intensamente Luísa ao serviço do próximo: *“Deus me dava a entender que as graças que Ele me concedia não eram para mim, mas para pertencer-Lhe da maneira em que Lhe pertencem”*¹⁶.

Por volta de 1657, durante um retiro, ela consagra sua reflexão sobre o Espírito Santo e se maravilha com o esplendor do dom de Deus que a faz viver Sua própria vida. Para ela, o Espírito Santo é o ardor do amor que dá força para viver como verdadeiros cristãos: *“As almas verdadeiramente pobres e desejosas de servir a Deus devem ter grande confiança em que o Espírito Santo... as disporá convenientemente para cumprir a santa vontade de Deus”*¹⁷.

A FÉ TEOLÓGICA DE LUÍSA NO ESPÍRITO SANTO

Luísa não considera o Espírito Santo fora da Santíssima Trindade. Mas ela volta constantemente sobre a missão do Espírito Santo no mistério da Encarnação. Esta insistência se explica por sua profunda devoção ao Verbo encarnado e à Virgem Maria. O eterno diálogo das três Pessoas divinas, o Sôpro Santo do Pai e do Filho, é comunicado a uma simples criatura, Maria. Deus concede seu Espírito, Maria é o coração puro que acolhe totalmente o Dom. *“Pai Eterno, peço-vos esta misericórdia pelo desígnio que tivestes desde a eternidade de realizar a Encarnação de vosso Filho, e vós, Salvador meu, concedei-me esta graça que lhe tendes. Oh! Divino Espírito, operai esta maravilha em pessoa tão indigna pela amorosa união que desde toda a eternidade com o Pai e o Filho”*.¹⁸

Se ela observa bem a participação das Três Pessoas divinas na Encarnação, Luísa reconhece a missão bem particular que o Espírito Santo realizou no coração da Virgem Maria. A Santíssima Virgem é *“a esposa do Espírito Santo”*, *“o santuário do Espírito Santo”*: estes são os fundamentos nos quais se apoiam, numa justa unidade, a devoção de Luísa à Trindade, ao Verbo Encarnado, ao Espírito Santo e à Virgem Imaculada: *“O que há, Santíssima Virgem, entre Deus e vós? Deus está em vós por direito de filiação. Vós sois a primeira na união que Ele adquiriu na natureza humana pelo mistério da Encarnação; vós entrais numa estreita aliança com o Pai eterno, pela maternidade do Filho; vós sois verdadeiramente, o santuário do Espírito Santo pela Encarnação que Ele operou em vós”*¹⁹.

Luísa medita sempre sobre os dias que os Apóstolos e a Virgem Maria viveram à espera do Espírito Santo. Em suas cartas, e mais particularmente em suas meditações sobre *“a vinda do Espírito Santo”*, Luísa faz alusão à atitude de acolhimento dos Apóstolos na escola de Maria. Os Apóstolos seguiram o caminho de Deus em Maria: a Igreja é filha deste Dom do amor do Pai e do Filho que dá vida: *“Que mais haveria de oferecer-lhes essa vinda do Espírito Consolador que o Pai enviaria por vós? Ele dará vida ao corpo da Igreja que quereis formar. Ele a instruirá... dar-lhe-á o poder de fazer milagres... operará nela a santidade de vida...”*²⁰.

Maria é a obra prima de vida no Espírito; sua ação em relação à Igreja é a continuação de sua ação materna para com o Verbo encarnado. Maria viveu do Espírito de Deus e permitiu ao Verbo tomar corpo: ela já é a Igreja que se recebe de Deus e lhe dá novos filhos. Modelo de vida no Espírito, Maria nos ajuda a abrir-nos à presença do Espírito Santo que põe a alma *“em disposição adequada para fazer a santíssima vontade de Deus”*²¹.

1658, CONSAGRAÇÃO DA COMPANHIA A MARIA IMACULADA, “ÚNICA MÃE DA COMPANHIA”.

Considerando a Virgem Maria em sua relação à Santíssima Trindade: *“Filha muito amada do Pai, Mãe do Filho, esposa do Espírito Santo”*²², situando-a no coração do grande desígnio de amor de Deus sobre a humanidade, Luísa a vê como aquela que nos ajuda a viver da graça de Deus. Se a Imaculada é o que é, ela o é pela graça. Mas, ela é somente graça, e é o que devemos ser: seres da graça, em Jesus Cristo²³.

Desde o Pentecostes de 1642, Luísa sabe que a Companhia só existe por graça e só pode subsistir pela graça de Deus. O Poder do Altíssimo deve cobrir a Companhia com sua sombra para que ela sirva fielmente os pobres com um espírito de humildade, simplicidade e caridade. Em 1644, durante uma peregrinação à Chartres, Luísa consagra a Companhia à Maria. Pelo Poder do Altíssimo que a cobre com sua sombra, Maria é a nova criação pela qual Deus associa a Companhia com a manifestação de seu Amor. Luísa deseja que o coração de suas filhas esteja unido ao de Maria, a mulher toda doada a Deus desde a origem de seu ser. A pedido de Luísa, Vicente de Paulo consagra a Companhia à Imaculada, Mãe de Deus e da Igreja, em 8 de dezembro de 1658, e a própria Luísa, declarará Maria *“Única Mãe da Companhia”*.

III – MARIA E O ESPÍRITO EM NOSSA VIDA

“DEIXEMO-NOS TRANSFORMAR PELO ESPÍRITO”²⁴

É fácil fazer um paralelo entre a Anunciação, o Pentecostes e a vocação da Filha da Caridade e, até mesmo, as Aparições de 1830 pelos quais, Maria prepara a Companhia para a missão extraordinária que ela quer confiar-lhe.

À luz da expressão do Concílio “Maria cheia do Espírito Santo”²⁵, o título do Documento Interassembleias “*Deixemo-nos transformar pelo Espírito*” não é uma espécie de anunciação, que o Senhor nos dirige, hoje, a nos deixarmos modelar pelo Espírito Santo, para que vivamos mais intensamente a nossa vocação?

Foi o mesmo Espírito de Deus que cobriu e encheu o coração de Maria, que desceu sobre Jesus e confirmou sua filiação divina no batismo (Lc 3, 22) ou na Transfiguração (Lc 9, 34). Foi o mesmo Espírito que abrou os lábios e o coração dos discípulos em Pentecostes, que iluminou a alma de Santa Luísa. Hoje, é o mesmo Espírito que vem encher o coração das Filhas da Caridade.

O imperativo “*Deixemo-nos...*” não quer nos lembrar que a iniciativa de Deus tem, em todos os pontos, a prioridade? Mas de nossa parte, é necessário acolhê-lo, permitindo-lhe realizar sua obra em nós. Trata-se, primeiramente, de acolher Aquele que é unicamente Dom. Porque Deus não quer nos transformar contra a nossa vontade. Deus dá seu Espírito, Ele o oferece a cada momento, mas espera o sim de nossos corações, para os cumular com seu Espírito.

Para “*Deixemo-nos transformar pelo Espírito*”, Maria, a primeira cristã, consagrada por excelência, nos acompanha no dia a dia. “*Única Mãe da Companhia*”, ela é a figura da serva humilde, simples e caridosa (cf. C. 15). Nela, contemplamos a imagem de nossa vocação.

A HUMILDADE DA IMACULADA, TOTALMENTE ABERTA AO ESPÍRITO

Desde o primeiro instante de sua concepção, Deus olhou para a humildade de Maria, porque um coração vazio e desapropriado de todas as coisas, chama irresistivelmente para encher-se da graça de Deus. Maria é aquela que acolheu o dom de Deus, todo o seu ser vivificado por Ele, ela se deixou habitar totalmente pelo Amor. Tudo nela vem do Espírito Santo, ela se torna assim puro reflexo da humildade de Deus. Nela, contemplamos Deus que se dá. Com ela, acolhemos o dom do Espírito de humildade para nos tornar, como ela, seres da graça, em Jesus Cristo. Maria Imaculada nos mostra que nossa primeira missão é de nos abrir à profusão do Espírito, de nos deixar transfigurar por Ele, para fazer de nossas vidas ordinárias a própria morada de Deus, o Templo do Espírito e, assim, Ele possa se comunicar com os pobres.

Pela profunda humildade de seu coração, Maria nos faz descobrir a humildade não como uma virtude negativa, mas como uma qualidade divina, uma atitude do coração que dá acesso à presença de Deus. Com efeito, todos os tipos de mal entendidos pairaram nesta bonita virtude, desviando-a de todo o seu brilho. Sua proximidade lexical com a humilhação a assemelhou à resignação ou à minimização de si, ou até mesmo, à abnegação. A verdadeira humildade não é um assunto humano, não é a pequenez da mesquinhez das tarefas que definem a humildade, não mais que o tamanho dos projetos definem o orgulho, mas o ato de não apoiar-se em sua própria segurança. Maria nos ensina a beleza da humildade, esta primeira bem-aventurança que abre a porta a todas as outras, porque ela é primeira condição para acolher os dons de Deus.

Maria nos ensina também, a caminhar na humildade, este espaço onde Deus nos precede sempre. O espírito de humildade nos descentraliza de nós mesmos, dirigindo-nos para Deus, a fim de nos deixar olhar por Ele, escutá-Lo nos falar: “*Hoje, ficarei em tua casa*” (Lc 19) e deixar-nos renovar em seu amor. A Salvação de Deus é o dom perfeito que precede e envolve o nosso ser pecador, esperando somente que o nosso coração diga sim. Esta atitude de acolhimento nos conduz a esperar tudo de Ele, a nos tornarmos seres da graça, em Jesus Cristo.

A SIMPLICIDADE DA SERVA DOS DESÍGNIOS DO PAI

Maria, cheia de graça é, ao mesmo tempo, a mulher livre que não retém o Dom de Deus para si mesma. Está do mais profundo de seu coração, voltada a este Deus, o qual ama, para renovar-lhe sua

pertença e seu oferecimento. Diz apenas uma coisa de si: “*Eis a serva do Senhor*”. “*Maria é totalmente resposta, correspondência*”²⁶ à graça.

O Padre Kolbe reconhece em Maria a criatura “*que em nada se separou da vontade de Deus*”. Com um coração perfeitamente disponível, Maria confia em Deus, aceita sua ação, corresponde ao seu amor sem o menor desejo de autonomia. Todo o seu ser se identifica com a sua missão. Em Maria serva, contemplamos Aquele que se fez Servo de todos, obediente até a morte. Maria nos conduz à fonte de seu oferecimento virginal; nós também, com o dom da simplicidade, podemos nos tornar, como Maria, verdadeiras servas do Senhor.

Pela simplicidade de sua vida, Maria Serva nos ensina a caminhar, nesta atitude que desenvolve a retidão do coração, a busca permanente da vontade de Deus e o desejo de realizá-la bem e simplesmente, com grande disponibilidade. É a simplicidade que nos permite corresponder ao dom do Espírito que nos é concedido, suscitando do interior o “sim” de serva, para ser resposta de amor e colaborar com o desígnio de amor de Deus. Maria nos guia para uma grande docilidade à missão confiada, imitando, assim, a obediência do Cristo Servo.

A CARIDADE DA MÃE DE DEUS, MÃE DE MISERICÓRDIA E ESPERANÇA DOS PEQUENOS

Logo depois do anúncio do Anjo, movida pelo ímpeto do amor de Deus que a habita, Maria levantou-se e foi visitar sua prima Isabel. Leva a ela a saudação que ela recebeu por primeiro, partilha com Isabel a alegria de Deus. Maria é a mulher que acolhe e comunica a caridade que vem de Deus.

No Gólgota, de pé junto do seu Filho na cruz, Maria acolhe o Espírito do Pai dado por Jesus, este Deus capaz de amar até o extremo e de suscitar o amor. A caridade de Maria está intimamente ligada à Paixão de amor do seu Filho. Maria é convidada a partilhar sua vida com o discípulo e se torna sua mãe. É a caridade de Cristo crucificado que a impele a receber João como filho, para fazer dele, a morada do Espírito. Portanto, ela se torna nossa mãe, nosso modelo e advogada, tirando todo o seu dinamismo do Espírito Santo. Mãe da Igreja, Maria é para nós, a mãe da Graça. Ela partilha tudo, comunica o Espírito que habita em plenitude em todos aqueles que desejam colocar seus passos nos passos de Jesus. É aprendendo a participar da fé pura de Maria, que nós seremos, em seguida, realmente “Igreja”. No coração de Maria, habitamos o Coração de Deus, contemplamos o próprio amor de Deus por Jesus, expresso no coração de uma mãe.

Inteiramente habitada pela caridade de Cristo, o próprio Cristo, Maria nos ensina a caminhar na caridade que transpõe o que nós podemos compreender. É a caridade de Cristo crucificado que permite viver num “estado de caridade”, de agir, com Ele e em seu nome, de maneira afetiva e efetiva. É também a caridade de Jesus Cristo crucificado, que nos impulsiona a olhar os pobres como nossos mestres e nossos senhores, a reconhecer sua presença em seu coração e em sua vida e a O revelar-lhes.

Conclusão

Mãe da Igreja, Maria sustenta a fé da Igreja; *Única Mãe da Companhia*, Maria sustenta a fé das Filhas da Caridade. Ela não se contenta em nos servir de exemplo, ela é o modelo no qual, somos envolvidos pelo sopro do Espírito. Por isso, cada dia, “*levamos Maria para nossa casa*”, a fim de renascermos pela força do Espírito. Através do coração das Filhas da Caridade, Deus quer que o Espírito de humildade, de simplicidade e de caridade permaneça na humanidade, particularmente, nos pobres.

Irmã Anne Prévost
Filha da Caridade

Notas

¹ Introdução ao capítulo 8 de Lumen Gentium, Ed Centurion, p. 138.

² 21 de novembro de 1962.

³ RM 24, citando Lumen Gentium 53-54.

⁴ RM 24, 4.

⁵ Cf. Jo 3, 5-6-8.

⁶ Cf. R. Laurentin, Curto tratado, p. 147.

⁷ RM 8, 29 e RM 42, 1.

⁸ RM 43, 2.

⁹ RM 28, 1 cf. LG 65.

¹⁰ RM 44, 1-2 – cf. LG 63.

¹¹ Escritos Espirituais p. 760.

¹² Escritos Espirituais p. 701, A 10, Ocupação do espírito da Ascensão ao Pentecostes.

¹³ Escritos Espirituais p. 760-761.

¹⁴ Escritos Espirituais p. 349, A Joana Lepintre, 19 de maio de 1651.

¹⁵ Escritos Espirituais A. 75 p. 762.

¹⁶ Escritos Espirituais, p. 761, A. 75.

¹⁷ Escritos Espirituais, p. 793, A. 25, Pureza de amor necessária para receber o Espírito Santo.

¹⁸ Escritos Espirituais, p. 808, 4ª oração.

¹⁹ Livro cinza, p. 833.

²⁰ Escritos Espirituais, p. 809, A. 26, Razões para dar-se a Deus para receber o Espírito Santo, 6ª oração.

²¹ Livro cinza, p. 823.

²² Escritos Espirituais p. 694, A. 4, Oblação à Virgem.

²³ Cf. Concílio Vaticano II (LG 61).

²⁴ Documento Interassembleias 2009-2015.

²⁵ LG 56.

²⁶ A filha de Sião, p. 74 – J. Ratzinger.

FLORENCE GILLET, TEÓLOGA

O “princípio petrino” tal como viveu João Paulo II

Uma chave de leitura do pontificado de João Paulo II
à luz do “princípio mariano”.

Notas tomadas durante a conferência feita às Irmãs e ao pessoal leigo
que trabalha na Capela da rua do Bac

Fui convidado para vos falar sobre a autoridade na Igreja, por causa de minha experiência de seis anos no Conselho Pontifício para a promoção da unidade dos cristãos.

Refletindo em minha experiência para vir falar aqui, eu a resumiria nestas condições que proponho esclarecer ao longo desta exposição: vejo claramente, que João Paulo II quis exercer o seu ministério petrino, tomando como base o “*princípio mariano*” ao lado do “*princípio petrino*”, de sua união íntima e de sua complementaridade.

Eis pois, o que eu gostaria de testemunhar e ilustrar.

O PRINCÍPIO MARIANO NA IGREJA TAL COMO QUIS JOÃO PAULO II AO LADO DO PRINCÍPIO PETRINO

ASPECTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS

Para falar sobre a autoridade na Igreja e o exercício do “ministério petrino”, expressão usada hoje, para destacar o serviço – ao invés de falar de “pontificado” ou de primado do Papa – é necessário situá-lo na Igreja em seu conjunto, na Igreja em seu mistério. Para compreender o serviço petrino, é preciso perguntar-se o que é Igreja, qual é sua natureza? A Igreja é a autoridade (o Papa e os Bispos), é os sacramentos que nos comunicam Jesus Cristo? Não, isto não é tudo.

O próprio João Paulo II – e, em seguida, Bento XVI – utilizaram, para falar do mistério da Igreja, uma categoria que foi oferecida por um grande teólogo do século, Hans Urs Von Baltasar. Esta categoria é a “dimensão mariana” ou o “princípio mariano da Igreja”.

Sou especialista em eclesiologia, conheço pouco o pensamento de Von Baltasar, porém parece-me importante, que para compreender o sentido e o alcance do ministério petrino teoricamente e o de João Paulo II em particular, situá-lo sobre a base do princípio mariano na Igreja. Para isto, recorro a uma excelente pesquisa de um teólogo irlandês, o Padre Brendan Leahy sobre o princípio mariano na Igreja¹.

Esta dimensão é útil e interessante, porque permite avançar na compreensão da fé. A mim pessoalmente, ela me deu uma iluminação preciosa para compreender a Igreja, as tensões que nela existem, e permitiu-me, por consequência, situar-me melhor nela, estando mais consciente da contribuição que posso oferecê-la, resumindo, amá-la cada vez mais.

Além disso, é válido falar desta dimensão, porque mesmo os dois últimos Papas, João Paulo II e Bento XVI, falaram extensivamente disto, para situar o ministério na Igreja. Ambos falaram da relação entre as duas dimensões mariana e petroniana e João Paulo II chegou até dizer que “*Na aurora do novo milênio, vemos com alegria emergir este “perfil mariano” da Igreja que resume em si, o conteúdo mais profundo da renovação conciliar*”².

Bento XVI, recordando as afirmações da mesma natureza do Papa Wojtyla, não hesitou afirmar que o princípio mariano na Igreja “é ainda mais original e fundamental” que o princípio petrino e que este último, deve ser considerado à luz do princípio mariano.³ Em anexo, encontrareis os textos principais destes dois Papas sobre este assunto.

O QUE É O “PRINCIPIO MARIANO” E O “PRINCIPIO PETRINO”?

OS FUNDAMENTOS BÍBLICOS DO PRINCÍPIO MARIANO

Hans Urs Von Baltasar, tomando o Evangelho como ponto de partida, diz que “O Ressuscitado, que quer permanecer em sua Igreja até o fim dos tempos, não pode estar cercado pela “constelação” de pessoas, isto é, do grupo de pessoas que fizeram parte de sua vida histórica”⁴, já que o Evangelho – diz Von Baltasar – “não é somente um relato espiritual, mas também teológico. É muito mais que um relato moralmente edificante”⁵.

Visto que na vida terrestre de Jesus, encontramos Maria, João Batista, os doze Apóstolos, as irmãs de Betânia, e outras mais, que formavam uma espécie de “constelação humana” ao lado de Jesus, não se pode considerar esta constelação como existente apenas no início da Igreja: através do Espírito Santo, não somente Pedro, mas também, os outros, receberam “missões que são fonte, [princípio] de outras missões na Igreja e, sua própria vida se prolonga igualmente e contínua a ser representada na Igreja”⁶. Na nova comunidade que surgiu da Ressurreição, cada uma destas figuras permanece – com sua experiência de resposta ao Deus encarnado, em virtude do Espírito Santo, em Jesus Cristo – como uma dimensão constitutiva de seu Corpo, a Igreja.

Esta experiência, na origem da Igreja, pode ser considerada como uma antecipação daquilo que será seu progresso. Jesus ressuscitado caminha no meio de um povo tão unido que forma um corpo, uma só alma, mas este povo não é uma realidade monolítica, uniforme, é um corpo animado de carismas diferentes, com diferentes expressões da fé.

Os outros princípios-fontes de acordo com o Evangelho

Descrevamos alguns destes princípios-fontes que continuam na história.

É óbvio que **Pedro**, o primeiro dos Apóstolos, encontra seu prolongamento no Papa e Bispos. Os bispos reunidos em Calcedônia exclamaram: “Pedro fala por intermédio de Léon”. Isto nos faz dizer que, mesmo se Pedro é único, está misteriosamente presente em seus sucessores.

Outros personagens são também “fontes” que permanecem na vida da Igreja: **João Batista** que deu sua vida para testemunhar Jesus – verdade, continua presente na Igreja através da dimensão do martírio. No século XX, houve mais mártires do que em todos os Séculos precedentes reunidos.

O **discípulo bem-amado**, João, representa o aspecto da contemplação do amor que se perpetua no coração da Igreja. Esta dimensão é representada por todos aqueles que se engajam a viver os conselhos evangélicos e de quem a missão é a do amor contemplativo. Por sua vida e seu testemunho, comunicam a mensagem do amor que triunfa em tudo.

O **princípio jacobita** se baseia em **Tiago**, o “irmão-primo” do Senhor que tomou, parece, o lugar de Pedro quando este deixou Jerusalém (At 12, 17). Sua função foi decisiva no primeiro Concílio de Jerusalém para a reconciliação entre cristãos oriundos do judaísmo e cristãos descendentes do paganismo (At 15, 13-21). Tiago representa, sobretudo, a continuidade entre a antiga e a nova aliança, a tradição. Esta também é uma dimensão permanente: manter o sentido da história, a continuidade, a tradição, voltar constantemente às origens.

Paulo não conheceu Jesus, mas Cristo Ressuscitado se manifestou a ele de maneira única, para que possamos considerá-lo como parte da “constelação” das pessoas próximas a Jesus, no tempo da fundação da Igreja. Paulo é um missionário, o Apóstolo dos pagãos. Sua missão continua no nascimento imprevisto e sempre novo de missões inéditas na história da Igreja. É um princípio profético que implica os grandes carismas missionários, as grandes conversões, as grandes visões que fluem na Igreja, graças às palavras vindas do Espírito Santo.

Existe também, a missão das duas irmãs de Betânia, **Marta e Maria**, amigas de Jesus, que encontram seu prolongamento na experiência de hospitalidade, de serviço, de amizade e de amor concreto que encontramos na Igreja. E poderíamos prosseguir, colocando em evidência, como todas as missões da origem, continuaram ao longo dos séculos através das múltiplas dimensões da vida e da fé da Igreja.

Na vida da Igreja continua também a presença e o **carisma de Maria**. Melhor dizendo, por causa de seu lugar particular, no mistério da salvação, Maria tem na Igreja uma missão e um carisma que compreendem e animam do interior, todos os outros princípios. Por seu duplo “Fiat”, (o da anunciação e o de junto à cruz), Maria carrega o espírito autêntico e universal que está na base de toda a série de carismas que sustentam e enriquecem a caminhada do povo de Deus na história.

Esta visão da Igreja formado por diferentes princípios relacionados entre si, pode nos ajudar a compreender a Igreja. Não temos todos, o mesmo carisma, devemos nos contentar de não sermos idênticos e agradecer a Deus pelo carisma ou o princípio que o outro coloca a disposição, em destaque. Enquanto não chegarmos a isto, estamos longe desta casa e escola de comunhão que o Papa João Paulo II desejou no *Novo milenio ineute*. Entre princípios diferentes, ou até mesmo contrários, certamente pode haver tensões, mas também, estima recíproca, amor supremo “*que a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos*” dizia São Paulo (Fil. 2, 3).

Abordagem teológica do princípio mariano

Na vida da Igreja, podemos distinguir dois aspectos: o dom de Deus, a revelação, o dom da Palavra, do Verbo feito carne (princípio objetivo e a resposta, o acolhimento deste dom (princípio subjetivo).

Em relação ao dom, a partir da idade apostólica (cf. At 4, 32) foram destacadas as três colunas sobre as quais a Igreja se edifica como povo de Deus: a Palavra, os sacramentos e o ministério ordenado. Trata-se da fundação da Igreja, a rocha, a pedra (daí o nome do primeiro dos Apóstolos) sobre a qual todo o edifício se constrói. Esta pedra é o próprio Cristo presente no meio da comunidade: o Cristo em seu mistério pascal que fala e age pela Palavra, os sacramentos, seus ministros. É nisso que se fundamenta a Igreja como realidade instituída por Cristo.

Mas estas colunas não são suficientes para perceber o que é a Igreja. Consideradas separadas, elas dão uma ideia inexata da Igreja. A Igreja só toma forma na história, se ela encontra em nós, uma correlação entre estes dons. É a dimensão do acolhimento do dom ou da atualização existencial que

Hans Urs Von Baltasar chamou de *dimensão mariana*, o perfil mariano da Igreja, visto que Maria é a primeira cristã e o modelo da vida cristã e eclesial⁷.

Poderíamos dizer que toda a história da Igreja – e da humanidade – é o tempo que passa entre o dom do Cristo (sua morte e sua ressurreição) e nossa atualização e resposta: a resposta que começou em Maria e que, nela, foi total. Resposta que será realizada quando toda a Igreja e a humanidade forem “marianas”: totalmente abertas a Deus e a seus dons, habitadas pela Palavra e, portanto, impregnadas do Espírito do Ressuscitado que suscita a comunhão.

Toda a história da salvação é uma história de aliança. A aliança sempre supõe dois associados: o princípio mariano é a resposta à proposição da aliança de Deus. O dom do Pai (o Cristo) é dado à Igreja, mas exige uma resposta.

Na história da Igreja, houve uma evolução do pensamento sobre Maria em relação à Igreja, (cf. Anexo II). No século XX, abre-se um novo momento para a Igreja. Hoje, o elemento mariano se aviva, animando a hierarquia e dando vida ao laicato. Fruto do retorno à Palavra (movimento bíblico) e aos Padres da Igreja (movimento patrístico), hoje, estamos passando imperceptivelmente de uma devoção puramente de veneração a Maria à uma compreensão mais profunda deste *princípio* ou *perfil mariano* na Igreja.

2 – RELAÇÃO ENTRE “PRINCIPIO MARIANO” E “PRINCIPIO PETRINO” SEGUNDO VON BALTASAR

Se o princípio mariano abrange tudo, é necessário aprofundar ainda, a relação entre este e o princípio petrino. Uma consequência do que acabamos de dizer é que, a relação entre o perfil petrino (a dimensão do dom que vem de Cristo) e o perfil mariano (a dimensão da resposta que é a atualização deste dom que se expressa de um modo especial nos carismas) é essencial e deve ser dinâmico.

Por um lado, o perfil petrino dá um testemunho “objetivo” da Palavra de Deus, comunicando-nos a graça de Cristo nos sacramentos e serve a unidade da Igreja através do ensinamento como autoridade da fé e seu ministério de governo. Por outro, os carismas, como expressão do perfil mariano, nos sustentam na vida, ajudando-nos para que respondamos sempre mais, como Maria, ao dom de Cristo.

Que tipo de relação devem ter aqueles que exercem um ministério (que aliás é, também, um carisma) e aqueles que se movimentam sobre um aspecto mais vital e existencial e são portadores de um carisma profético? A epístola aos Efésios diz que o povo de Deus é edificado sobre o “fundamento dos Apóstolos e Profetas” (Ef. 2, 20), portanto, a unidade no amor entre todos.

Princípio petrino e principio mariano, ministério e carismas são, pois, chamados a uma relação dinâmica entre si à luz da espiritualidade de comunhão, de acordo com a circularidade das relações que caracteriza a Igreja-comunhão como participação na vida e no amor das três Pessoas divinas.

Von Baltasar escreve: “A Igreja de Cristo, de acordo com São Paulo, é fundada sobre os Apóstolos e os profetas, sobre o ministério e o carisma; ou mais precisamente, já que o ministério não poderia existir sem o carisma, (a Igreja é fundada) no carisma objetivo – petrino - e subjetivo, na santidade objetiva e subjetiva”⁸.

A “santidade objetiva” na Igreja é o *princípio petrino* e a “santidade subjetiva” é o *princípio mariano*.

Em seguida, ele dá uma definição muito bonita da Igreja: “No reino do amor recíproco que é a Igreja (...), tudo está em relação dinâmica constante entre estes dois princípios”⁹, semelhante a uma “lógica trinitária”.

Von Baltasar continua: estes dois princípios (petrino e mariano) são carismas que o Espírito Santo deu à Igreja: “A instituição e o carisma, o ministério e a santidade estão indissociavelmente unidos na mesma origem e na mesma finalidade”¹⁰. Com efeito, ambos vêm do Espírito Santo e conduzem à unidade.

“Na Igreja de Cristo, o Espírito Santo age, ao mesmo tempo, como Espírito objetivo (na estrutura) e subjetivo, como instituição, regra ou disciplina e como inspiração, obediência cheia de amor ao Pai, espírito de filiação”¹¹.

O *princípio petrino*, como princípio hierárquico, está ligado às estruturas externas da Igreja (...), refere-se à instituição da Igreja em geral, à santidade objetiva da Escritura, dos sacramentos, da

hierarquia e compreende ainda outros elementos, como o direito canônico. O *princípio mariano* é o espírito “subjeto” presente em Maria e que é vivido, de maneira dinâmica, em tudo o que conduz à santidade da Igreja.

Em relação ao *princípio petrino*, Von Baltasar indica 5 pontos interessantes:

1. A dimensão institucional oferece uma estrutura que representa o Cristo como cabeça do Corpo, Cristo sempre presente no Corpo e que, constantemente, gera a vida através dos sacramentos e ministérios, etc.
2. A instituição é a condição necessária da presença pessoal, autêntica de Cristo na Igreja. Em outras palavras, é necessário recorrer à estrutura para conhecer bem quem é Cristo.
3. A instituição oferece uma “regra” objetiva à qual devemos nos conformar.
4. O princípio petrino é educativo, pois, nos forma ao espírito de Cristo.
5. Além disso, ele garante a autenticidade do *princípio mariano*, que é o aspecto profético da fé viva dos cristãos.

Em seguida, ele especifica alguns pontos sobre o *princípio mariano*:

1. O *princípio mariano* interior na Igreja é o princípio no qual a estrutura institucional está ordenada e que perdura na vida eterna. Isso significa que, a estrutura da Igreja é ordenada na santidade do Corpo místico e, portanto, no *princípio mariano*. E o *princípio mariano* perdura na vida eterna enquanto que o *princípio petrino*, a instituição, não existirão mais na outra vida. A Igreja, na perspectiva do *princípio mariano*, é antes de tudo, vista como Esposa, esposa que acolhe o dom, que responde, colabora e é fecunda.
2. O *princípio mariano* é constituído por tudo o que, dia após dia, constitui a resposta ao amor de Deus, isto é, todas as formas de santidade que se manifestam na Igreja.
3. Há na Igreja uma “infalibilidade” mariana de santidade vivida, paralela à “infalibilidade petrina”. Visto que a santidade leva a um conhecimento existencial da verdade, podemos falar de uma certa “infalibilidade mariana”, que deve evidentemente, ser subordinada ao princípio petrino.

Von Baltasar baseia-se em Newman, quando destaca o quanto o ministério mariano, universal e profético da Igreja pode iluminar o ministério episcopal. Ele diz também que, a presença de Maria na Igreja (...) através destes carismas (...) e toda a vida espiritual na Igreja, pode também, iluminar os Bispos. Quanto mais o *princípio mariano* for vivido na Igreja, mais a *função petrina* se fortalecerá.

Um dos ícones deste princípio mariano, que sustenta o princípio ministerial, é Teresa de Lisieux, patrona das missões, doutora da Igreja. Tantos padres devem a ela a sua vocação! E nós, mulheres, que muitas vezes, tivemos consciência que, ao nos empenhar em ser Maria, em nossa resposta de amor, em nossa união com Jesus, na sua paixão e ressurreição, ajudamos os Padres!

Von Baltasar reconhece que é verdade que haverá sempre uma certa “tensão” entre os dois princípios na Igreja. No entanto, trata-se de uma tensão criativa visando unicamente, tornar Cristo presente, na unidade da Igreja. Esta “tensão” deve ser vivida no amor recíproco.

Ele acrescenta: “*Maria é anterior à vocação dos apóstolos. Porém a comunidade concreta é fundada sobre a “rocha” do Apóstolo. Contudo, uma vez mais, o testemunho de amor de Pedro – “Amas-me mais que estes?” (Jo 21, 15) – pressupõe que aí está a função do princípio mariano da Igreja (e joanino)*”¹².

“O *princípio petrino* tem por função “manter junto” e de “administrar”, enquanto que o *princípio mariano* “deixar ser” e “tornar livre”¹³. Se houvesse apenas a obediência na Igreja, como dizia o patriarca Atenágoras 1º, este seria uma prisão. Mas não é bem assim, há o Espírito Santo!¹⁴

A melhor imagem pela qual Von Baltasar possa expressar o *princípio mariano* e o *princípio petrino* é sem dúvida, a imagem que a Igreja descreve, formada de círculos concêntricos, como quando se lança uma pedra na água. Um pequeno círculo se desenha e, em seguida, outros sempre maiores. O que se forma por último, compreende todos os outros, é o *princípio mariano*. Maria vem antes de Pedro. O raio de sua missão contém todos os outros, porque estende-se a toda a Igreja. O *princípio mariano* é, pois, fundamental. O círculo que vem antes é o de Pedro, o ministério ou a instituição.

Aqui, devo dar um testemunho que se refere ao Movimento do Focolari: durante uma audiência, em 23 de setembro de 1985, Chiara Lubich perguntou ao Santo Padre se lhe parecia bom, que a Presidente da obra de Maria fosse sempre uma mulher. O co-presidente sendo sempre um Padre. João Paulo II respondeu: “Oh sim! É mesmo uma coisa muito boa!” E o Santo Padre se lançou numa explicação. Referindo-se aos quatro perfis da Igreja que, segundo o teólogo Von Baltasar, encontramos na Igreja nascente – Pedro, João, Paulo e Maria – ele declarou que eles fazem parte da Igreja, porque a análise de Von Baltasar não é baseada em critérios sociológicos, mas teológicos e eclesiológicos. Ele estava completamente de acordo que, na Obra de Maria, uma mulher fosse a Presidente (princípio mariano), acima do Padre co-presidente (princípio petrino). Esta explicação de João Paulo II foi registrada em nota, em nossos Estatutos, no artigo que trata da presidente da obra de Maria.

Von Baltasar convida então o mundo inteiro a tomar mais consciência do princípio mariano, isto é, do aspecto carismático, da santidade na Igreja. Ele escreve: “*Sem a mariologia, a cristandade corre o risco de se tornar desumana. A Igreja corre o risco de se tornar funcionalista, sem alma, um empreendimento árduo sem tranquilidade, bem longe de sua verdadeira natureza, o amor. E de uma Igreja assim, as pessoas partem em massa*”¹⁵.

E ainda: “Nós nos empregamos continuamente em reformar a Igreja e adaptá-la (...) às necessidades dos tempos, levando em conta as críticas de nossos adversários e seguindo nossas próprias categorias intelectuais. Mas, será que deste modo, não perdemos de vista o protótipo da Igreja que é Maria? Em nossas reformas, deveríamos manter o olhar permanentemente fixo em Maria, certamente não para multiplicar as festas, nem mesmo as definições marianas, mas simplesmente, para aprender o que é a Igreja e discernir o autêntico espírito eclesial daquilo que é somente espalhafatos eclesiásticos?”¹⁶, isto é, as devoções, os exercícios de piedade que não têm vida.

Von Baltasar indica, evidentemente, os santos que representam um “comentário vivo da Escritura, uma interpretação verdadeira e pessoal do Evangelho”¹⁷, nos ajudando a compreender como vivê-lo. É verdade que a hierarquia tem por tarefa interpretar a revelação de Cristo na Escritura, no entanto, não devemos esquecer as indicações que nos vêm do Espírito Santo por intermédio dos santos (...) pois os santos são “o Evangelho vivo”¹⁸, isto é o Evangelho em ato.

Von Baltasar escreve: os santos precisam de humildade para se deixar corrigir, formar e julgar pela Igreja. Porém aqueles que exercem a função de governo na Igreja devem ter a humildade para se deixar iluminar pelo Espírito de Cristo que resplandece na santidade, vivida no seio da Igreja.

Numa palavra, o princípio mariano é a caridade: é a Igreja amada. A influência de Maria, pelos carismas que suscita em unísono com o Espírito Santo, consiste em tornar preponderante o amor, que permite à Igreja ser uma comunhão e que faz de todos nós, uma única coisa.

Ao terminar este estudo breve, gostaria de citar uma pessoa, um Padre diocesano de nosso movimento, que viveu realmente este princípio mariano. Um mês e meio antes de morrer, falando aos seminaristas, com o pouco de forças que lhe restavam, disse-lhes o seguinte (o que podemos considerar como seu testamento). Ele a ilustrou por sua vida: “*O perfil mariano da Igreja é a ausência de clericalismo. Isto perece-me importante: preparar-nos ao sacerdócio sabendo, esperando que seremos capazes de morrer por todos, de morrer a nós mesmos e por todos. Apagar toda chama de conhecimento, de heroísmo, para ser apenas amor*”.

É preciso considerar o outro, qualquer que seja, como alguém insubstituível, único no mundo. Se tu não és capaz de amar este outro porque é diferente, não entendeste nada da humanidade. Todo o Evangelho se resume nisto: “Tudo o que fizerdes ao menor dos meus irmãos mais pequeninos é a mim que o fareis”... Tudo o que eu faça, mesmo ao mais miserável deste mundo, é a Jesus que o faço. É isto que nos permite tornar a obscuridade luminosa. Sim, embora a atitude de tal ou tal pessoa para mim não seja boa, ela ainda é merecedora de amor.

Sem dúvida, é necessário que isto penetre profundamente em nós, para que sejamos realmente convictos. Mas se estamos convictos, é A descoberta, a chave de tudo. Compreendemos que, finalmente, muitas coisas podem funcionar muito bem. A guerra sob todas as formas, as rivalidades, tudo isto deriva do poder. O dinheiro, é o poder, tudo é poder... Estar em comunhão nos salva e salva a todos.

II PARTE: MEU TESTEMUNHO REFERENTE À MANEIRA COMO JOÃO PAULO II EXERCEU SEU MINISTÉRIO

Posso dizer que fui testemunha desta vontade dos últimos Papas, de exercer o ministério petrino no aspecto mais vasto da dimensão mariana, notadamente no aspecto ecumênico, que eu conheci melhor. Fui engajado pelo cardeal Willebrands, fundador “carismático” com o cardeal Bea deste conselho querido por Paulo VI com o Padre Duprey, Padre Branc, tornado bispo, o qual também era um protagonista no campo do ecumenismo.

Além disso, vivi mais de 20 anos na cidade de Roma, estive nos funerais de Paulo VI, no dia 12 de agosto de 1978, estava na praça São Pedro para a eleição de João Paulo II, naquele 16 de outubro de 1978, cruzei a ambulância que levava João Paulo II, no dia 13 de maio de 1981, logo depois do atentado, resumindo, mergulhei nesta atmosfera.

1. OS PRÓLOGOS DE PAULO VI

Durante o pontificado de Paulo VI, o princípio mariano tal como falou Von Baltasar, não tinha sido publicado ainda. Mas, Paulo VI que teve a pesada tarefa de administrar a Igreja do pós-Concílio, viveu-o. Primeiramente em sua vida pessoal. Como não ficar tocado por seu testamento quando ele diz (cito de memória): “Fazer bem, fazer agora, finalmente, a vontade de Deus?”

Nos diálogos com as outras Igrejas cristãs

Paulo VI praticou atos que o Papa Bento XVI os qualificou de “proféticos” no campo do “ecumenismo. São atos onde a *kénosis* de Jesus parece reviver: ele também, não quis manter como uma presa a fileira de seu ministério, de sua primazia, mas despojou-se (*kénosis*), humilhou-se, fazendo-se obediente à exigência do amor (princípio mariano), poderíamos dizer, parafraseando Filipenses 2, 6 ss.

1- Visita a Atenágoras, em Jerusalém: apesar das dificuldades de todos os tipos, o Papa a realizou.

2- Levantamento das excomunhões: 7 de dezembro de 1965.

3- 14 de dezembro de 1975, por ocasião da cerimônia do 10º aniversário do levantamento das excomunhões, o metropolitano Méliton de Calcedônia que trabalhou muito pelo levantamento das excomunhões encontrou-se com o Papa Paulo VI na Capela Sixtina. Paulo VI fez um gesto que deixou toda a assembleia estupefata: no final da celebração, como sinal de reconciliação, o Papa ajoelhou-se diante do representante da Igreja ortodoxa e beijou-lhe os pés. O comentário do Patriarca de Constantinopla é significativo: “*Estávamos bem além das palavras. Estávamos na mesma lógica do Logos. No Reino de Deus, aquele que é o primeiro deve fazer-se menor de todos e tornar-se servo de todos*”. E o Patriarca Dimitrios 1º acrescenta: “*Não é possível que um homem, cristão ou não, e especialmente, nós como Patriarca ecumênico, não aprecie profundamente o gesto espontâneo, sem precedente na história da Igreja, de Sua Santidade o Papa Paulo VI que, no momento da celebração eucarística, prostrou-se para beijar os pés de nosso representante, consciente que neste momento, o metropolitano representava a Ortodoxia inteira*”. Este grande ato de Sua Santidade, nós o consideramos como o prolongamento da Tradição dos Bispos, Padres da Igreja indivisa que edificaram coisas excelentes, graças a esta humildade. “*Através deste ato, nosso irmão venerado e bem-amado, o Papa de Roma, Paulo VI, superou o Papa e provou à Igreja e ao mundo inteiro, o que ele é, e o que pode ser: o Bispo cristão e, sobretudo, o primeiro Bispo da cristandade, o Bispo de Roma, a saber um poder reconciliador e unificador da Igreja e do mundo*”¹⁹.

4- O anel do pescador entregue ao Arcebispo de Canterbury, Michael Ramsey, em 23 de março de 1966 na Capela Sixtina. Paulo VI pede ao Arcebispo seu anel e o coloca em seu dedo, dando-lhe o seu (o anel de Pedro).

2. JOÃO PAULO II

Em sua vida pessoal

Uma chave de leitura do pontificado de João Paulo II, poderia ser, como ele viveu seu ministério no aspecto mais amplo do princípio mariano que não somente conhecia, mas quis promover na Igreja. Ele acolheu o dom de Deus até o fim, até mesmo o dom da doença. O que fascinou não

somente os cristãos, mas o mundo inteiro foi esta dimensão de amor, de resposta ao dom de Deus que viveu até a kénosis. Impossível esquecer algumas imagens que expressam isto, todos temos diante dos olhos: ele mostrou esta Igreja amável, esta caridade.

Em seu serviço pelo ecumenismo

Certamente, João Paulo II estava consciente que seu ministério, dom de Deus em vista da unidade da Igreja, era precisamente, um obstáculo à unidade.

Tomemos sua Encíclica *Ut unum sint* (1995). João Paulo II, depois de ter salientado que ele está bem consciente que o ministério do Bispo de Roma é para a unidade, que ele é o *servus servorum Dei*, afirma também, perceber que o que deveria ser um fermento de unidade é, pelo contrário, um obstáculo à unidade, uma “dificuldade para a maioria dos cristãos” (nº 88). Mas, ele é motivado pelo fato de que as Igrejas e as comunidades eclesiais “examinam sempre mais e com um novo olhar este ministério da unidade” (nº 89). Ele aborda também, o assunto delicado da infalibilidade como um serviço de unidade (nº 94), mas acrescenta “tudo isto deve sempre ser realizado na comunhão. Quando a Igreja Católica afirma que a função do Bispo de Roma responde à vontade de Cristo, ela não separa esta função da missão confiada ao conjunto dos Bispos, eles também “vigários e delegados de Cristo”. O Bispo de Roma pertence ao seu “colégio” e eles são seus irmãos no ministério” (nº 95). Ele se refere também, ao primeiro milênio, onde “a primazia se exercia pela unidade” (Ibid). E acrescenta esta frase notável que ele tinha dito antes ao Patriarca Dimitrios 1º. “Peço ao Espírito Santo que nos conceda sua luz e ilumine todos os pastores e teólogos de nossas Igrejas, a fim de que, possamos buscar, evidentemente juntos, as formas pelas quais, este ministério poderá realizar um serviço de amor reconhecido por uns e outros” (Ibid). Ele também realizou alguns sinais proféticos: Assise 1986, o caminho da cruz do Coliseu para o qual ele pediu aos cristãos de outras confissões, para preparar a meditação!

Vejamos a abertura da porta Santa de São Paulo Fora dos Muros, no dia 18 de janeiro de 2000, com dois representantes de duas Igrejas, o Metropolita Ortodoxo Atanásio e o Arcebispo anglicano George Carey. E tantos outros sinais...

3. O CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS

O Conselho pontifício para a Unidade dos cristãos é um instrumento a serviço do Papa, para favorecer um clima, uma amizade com as outras Igrejas e comunidades eclesiais. Ele está depois de mais de 40 anos, a serviço da unidade. O primeiro passo é o ecumenismo da vida: rezar juntos, tomar a refeição juntos, tornar-se amigos. O Conselho pontifício é este lugar de amizade. Porque sempre se poderá encontrar defeitos sobre tal e tal definição da fé. Quando a amizade se mistura a isto, é bem diferente, faz-se tudo para encontrar um acordo.

Os diálogos empreendidos

Com quantas Igrejas o Conselho pontifício está em diálogo? Com as Igrejas e Comunhões mundiais seguintes:

- a Igreja ortodoxa
- a Igreja copta ortodoxa
- as Igrejas malankares
- a Comunhão anglicana
- a Federação luterana mundial
- a Aliança reformada mundial
- o Conselho metodista mundial
- a Aliança batismo mundial
- a Igreja cristã (Discípulos de Cristo)
- os responsáveis pelas Igrejas pentecostais

Quantas visitas recíprocas, acordos assinados cristológicos e outros! Citemos a *Declaração comum entre a Igreja católica romana e a Federação luterana mundial sobre o princípio da justificação*, assinada em Augsburg em 1999. Um sinal de alegria que teve repercussões importantes.

Mas o perigo é realmente o ministério petrino, tanto que a evolução na Igreja latina terminada com a proclamação, ao Concílio Vaticano II, da infalibilidade do Papa.

Vejamos os pontos positivos.

Para os luteranos, o Papa não é mais o anticristo, aquele que impede a pregação do Evangelho.

Os luteranos expressaram, até mesmo, a necessidade de um certo ministério de unidade. Os próprios protestantes se federaram: Federação luterana mundial, Aliança das Igrejas reformadas, Conselho Ecumênico das Igrejas.

Pouco a pouco (por causa da internacionalização) cresceu a consciência da universalidade da Igreja, e isto criou uma nova organização: sente-se a necessidade de um centro, de um pivô.

A personalidade dos últimos Papas que viveram, pregaram o Evangelho e não colocaram obstáculo ao Evangelho.

O convite de João Paulo II para encontrar juntos, uma forma de exercício de seu ministério (não a substância que não pode mudar), recebeu um eco bem favorável. Todos estavam interessados. Nos diálogos oficiais, falou-se disto.

Os pontos comuns nos resultados dos diálogos ecumênicos

1. Uma nova abertura, uma nova atmosfera. Todos estes Bispos ou líderes de outras Igrejas vão a Roma, acolhidos pelo Papa. Todos ficam muito orgulhosos de sê-lo. Roma se tornou um ponto de referência ecumênico, um centro ecumênico. Há 50 anos, teria sido completamente impossível. Até mesmo, para a ordenação de um cardeal, bispos protestantes estão presentes. O clima não é mais o mesmo e já é muito.

A discussão a partir dos fundamentos bíblicos, também, mudou. Hoje, os exegetas das diferentes confissões utilizam os mesmos métodos científicos. Todos dizem que o Apóstolo Pedro teve uma função, um papel particular entre os Apóstolos. É incontestável, ele foi o primeiro, o porta-voz dos outros, o primeiro a quem Jesus Cristo apareceu após a ressurreição, nos textos mais antigos: “Pedro e os Apóstolos”. É muito importante: a primeira testemunha, o primeiro a ser enviado, o líder da comunidade de Jerusalém.

Além dos textos clássicos como Mt 16: “*Tu és Pedro...*” ou Jo 21: “*apascenta as minhas ovelhas*”, há uma tradição do Novo Testamento sobre o lugar de Pedro, que vai além da vida histórica de Pedro. Todo mundo está de acordo sobre este fundamento. Mas o problema que permanece é de saber se há sucessores pessoais e se este ministério petrino deve estar ligado ao Bispo de Roma. Alguns luteranos dizem: se refletirmos sobre o ministério petrino de um modo teológico, de modo que se reorganize, podemos considerá-lo. Outros chegam a dizer: é mesmo desejável.

2. Todo mundo deseja uma comunhão com Pedro, mas que não fosse submissa a Pedro. Eles não querem alguém que interfira nas Igrejas, que tenha uma jurisdição. Até mesmo os ortodoxos disseram que era necessário um primaz a nível universal. O cardeal Kasper dizia ter a impressão que todos, no mundo cristão, percebem a promessa que o contém o ministério petrino, a cadeira de Pedro que preside no amor e na caridade, e que se tornou um centro ecumênico. Mas, por essa razão, nem tudo está resolvido.

3. A infalibilidade. Uma dificuldade, mas é preciso compreendê-la bem.

4. O serviço petrino. É preciso voltar à Bíblia, é um serviço e não um poder. O próprio Papa se define como o *Servo dos servos de Deus*. Às vezes, de acordo com testemunhas, este serviço é um martírio. Hoje, o Papa mudou de estilo, não é mais aquele de há 50 anos. Ele brinca, há um estilo fraterno, evangélico.

Conclusão

Para concluir, tomo a liberdade de citar o texto de nossa fundadora, Chiara Lubich, que pode nos ajudar a reviver este “princípio mariano” em nossa vida diária e trazer assim, nossa pedra para que a Igreja se torne sempre mais “a casa e a escola da comunhão”.

Entrando um dia numa Igreja, com o coração cheio de confiança, perguntei a Jesus: “*Por que escolheste permanecer na terra, em todos os lugares, na santíssima eucaristia, e não inventaste, tu que és Deus, uma maneira de nos deixar também Maria, nossa mãe a todos que estão a caminho?*” No silêncio, Jesus parecia responder: “*Eu não a deixei, porque gostaria de reencontrá-la em ti. Embora não sejam imaculados, meu amor os tornará virgens. Tu, todos vocês, abrirão os braços e um coração de mãe à humanidade que, como então, tem sede de Deus e de sua Mãe. Agora, cabe a cada um, pacificar as dores, curar as feridas, enxugar as lágrimas. Canta as ladainhas e procura refleti-las*” (Pensamento e espiritualidade, Paris 2003).

Florence Gillet
Teóloga, Focolari

Notas

- ¹ Brendan Leahy *The Marian Principle in the Church according to Hans Urs Von Balthasar*, Peter Lang, Frankfurt 1996. Tradução italiana: *Il principio mariano nelle Chiesa*, Roma 1999
- ² Audiência geral de 25 de novembro de 1998, in L'Osservatore Romano, quotidiano em italiano de 26 novembro de 1998, p. 6
- ³ Homilia da missa de 25 de março de 2006 para os novos cardeais.
- ⁴ Conforme *Der antirömische Affekt* (Freiburg in Breisgau, 1974), p. 115-187, p. 136
- ⁵ *Ibid.*, p. 125
- ⁶ *Ibid.*, p. 133
- ⁷ Bento XVI: “Toda comunidade eclesial, como a Mãe de Cristo, é chamada a acolher, com uma total disponibilidade, o mistério de Deus que vem habitar nela e a impulsiona sobre os caminhos do amor. É a via sobre a qual eu quis engajar meu pontificado, convidando cada um, com minha primeira Encíclica, a edificar a Igreja na caridade, como uma “comunidade de amor” (cf. Deus caritas est, 2ª parte). Discurso de 25 de março de 2006
- ⁸ Conforme *Schwestern im Geist* (Einsiedeln, 1983), p. 68
- ⁹ Conforme *Christen sind einfaltig* (Einsiedeln, 1983), p. 68
- ¹⁰ Cf. “*Penuma e Istituzione*” in *Lo Spirito e l'Istituzione*, p. 173-202.
- ¹¹ Conforme *Lo Spirito e l'Istituzione*, 199
- ¹² Conforme *Teodrammatica*, Vol. III, p. 330-331.
- ¹³ Conforme *Der antirömische Affekt*, 170.
- ¹⁴ Concernente a tensão entre ministério episcopal e profético na Igreja, ver Anexo III.
- ¹⁵ Conforme *Klartellungen*, p. 72
- ¹⁶ Maria nella dottrina e nel culto della Chiesa » in J. Ratzinger e H.U. Von Balthasar, *Maria Chiesa nascente*, (Roma 1981), p. 72
- ¹⁷ *Klarstellungen*, 79
- ¹⁸ Cf. Introdução a *Schwestern im Geist* (Einsiedeln, 1970), p. 14ss. [Sorelle nello Spirito. Teresa di Lisieux e Elisabetta di Digione (Milano, 1973)]
- ¹⁹ Citado no http://infocatho.cef.fr/fichiers_html/ocumenisme/unitesemaine/02moscou/02

HOJE, COM OS FUNDADORES

Província da Nigéria

**As Filhas da Caridade a serviço das crianças de rua em Kumasi,
no Gana**

INTRODUÇÃO

O Gana está situado no Golfo da Guiné na África ocidental, somente a poucos graus ao Norte do Equador. O clima é tropical, a região Leste é quente, comparando com a região Sudoeste que é muito quente e úmido, e com a do Norte, muito quente e seco. Acra é a capital. A população do país está estimada a quase 24 milhões de habitantes.

O desvio das rotas comerciais do Norte para o litoral durante o período colonial, privou o Norte de atividades comerciais. O comércio de escravos e a busca de operários para as minas, as fazendas e as plantações de cacau, também privaram a região da mão de obra para cultivar as terras. A atividade econômica da população do Norte foi então, reduzida a um comércio irrisório e a uma agricultura de subsistência, que só alimentava a família e gerava poucas rendas suplementares. Apesar dos benefícios gerados pelo crescimento econômico recente no Gana, as desigualdades de salários entre as regiões, e entre os homens e as mulheres, aumentaram neste período de crescimento acelerado. Kumasi é a capital da região de Ashanti, a segunda cidade mais importante do país, com uma população estimada a 3.187.907 habitantes. Está situada no meio da floresta virgem, aproximadamente 150 km da costa e de Acra, a capital do Gana. A região de Ashanti produz o essencial do cacau, dos minérios e da madeira do país.

Nas ruas de Kumasi, encontramos jovens e crianças, que vêm do Norte do Gana e trabalham longas horas, simplesmente para assegurar sua subsistência. Se eles não trabalham, têm dificuldade em encontrar um abrigo e alimento. A maioria deles carrega cargas pesadas e sobrevivem ganhando apenas um magro salário. Nas ruas de Kumasi, são milhares de crianças de ruas, embora não tenha sido feita nenhuma enquête oficial para recenseá-los. Nestas crianças frágeis, nossos verdadeiros mestres, Cristo está presente.

As Filhas da Caridade chegaram a Kumasi em 2003, vindas da Província da Nigéria, atendendo ao pedido do Arcebispo Peter Sarpong para responder aos problemas das jovens migrantes e seus filhos. Elas deixaram as regiões do Norte do Gana para irem a Kumasi, em busca de um domicílio e de um futuro melhor. Assim, duas Filhas da Caridade: Irmã Agathe e Irmã Perpétue chegaram a Kumasi, em dezembro de 2003, para realizar um estudo de viabilidade. Depois de ter estudado cuidadosamente a situação das crianças que vagam nas ruas sem esperança de um futuro, a Província aceitou o projeto, porque “Cristo as esperava para servir nas ruas de Kumasi”. O Projeto foi lançado oficialmente, em junho de 2005, por Dom Sarpong.

Atualmente, as três Irmãs dirigem: um Centro de acolhimento para meninos e meninas de rua, duas Creches para os menores, um Centro de escuta para as crianças vítimas da prostituição, um Serviço de proximidade para as crianças das ruas de Kumasi e dos arredores. Quase todas estas crianças de ruas vêm da região Norte, região pobre onde são numerosas as crianças, que nunca viram uma sala de aula. Elas devem agir para sair desta situação, mas são sempre vítimas de tráfico, que as conduzem às ruas da cidade sob o enganoso pretexto de que poderão ganhar dinheiro facilmente e usá-lo para fazer estudos e, mais tarde, casar-se. A realidade é bem diferente: elas têm que trabalhar durante longas horas como vigias ou portadores de cargas pesadas. Mais de 26.000 crianças migrantes, tentam ganhar a vida assim. Não conseguindo, são atraídos pela droga e a prostituição infantil.

A finalidade do Projeto consiste em responder à realidade destes jovens, indo até eles, para ajudá-los a fazer outras escolhas de vida. Damos uma atenção particular aos adolescentes que são usados nas ruas como enceradores de sapatos, auxiliar de motorista, vendedores de água, jovens prostituídos... As crianças de rua têm sua cultura própria e só podem ser vinculados nesta e por esta cultura. Tentamos compreender esta cultura criando relações de confiança com elas. Sendo seus amigos, podemos também, ser amigos dos membros de suas famílias.

As atividades do Projeto são desenvolvidas em dois setores principais: na rua e no centro de acolhimento.

Na rua

Com uma equipe de Assistentes Sociais, oferecemos às crianças e aos jovens uma educação de base: leitura, escrita, cálculo, formação sanitária, social e econômica, informação sobre os perigos que as cercam: tráfico, droga, aids, prostituição. Para facilitar a reinserção dos jovens de menos de 18 anos que escolhem deixar a rua por um estilo de vida estável, visitamos suas famílias de origem.

Oferecemos um serviço adaptado às capacidades dos jovens e os incentivamos a retomar os estudos, a fazer formações. Para as jovens mães que vivem na rua, são propostos, duas vezes por semana, cursos à noite e fornecidos cuidados elementares. Assumimos as crianças pequenas de dois a seis anos em duas Creches: a primeira pode acolher 45 crianças e a segunda 50. Todas as manhãs, Irmã Martha e os membros do pessoal das duas Creches vão ao mercado, para buscar as crianças e levá-las à Creche.

No Centro de acolhimento

O Centro oferece às crianças e aos jovens um acompanhamento e um lugar seguro para se repousar, brincar e aprender. Realiza curtas sessões de formação e oferece apoio para adultos. Organiza programas de sensibilização para informar o público sobre a situação crítica destas crianças.

É difícil avaliar o sucesso do Projeto, em termos de resultados rápidos, considerando a extensão do problema. No final do ano de 2009, contávamos com 86 criancinhas nas Creches. Atualmente, temos 60 crianças estudando na Escola primária ou no Colégio. 28 Jovens conseguiram uma profissão e 55 jovens mães fazem cursos à noite. Muitas crianças recuperaram suas famílias. Muitas crianças doentes beneficiaram de um tratamento no hospital.

O Projeto permite também, acompanhar todas as crianças que nele estão incluídas. Isto consiste em certificar-se que, os membros de suas famílias estão conscientes da ajuda que nós damos a cada criança e que, eles também, concordam em ajudá-las. Esta atividade supõe: visitar as famílias respectivas, as escolas e os centros de ensino onde as crianças estão matriculadas. Para isto, uma Irmã se desloca com um dos membros do pessoal, para certificar-se se as crianças são bem tratadas e se suas visitas em famílias se realizam bem. Por exemplo, com o objetivo de reintegrar uma adolescente na sua família, nós decidimos, primeiramente, enviá-la a um Colégio com internato. Um dia, no mercado de vendas de materiais escolares, ela viu Irmã Pauline, que fez o possível para reconciliá-la com sua família, para ela tivesse um lugar aonde ir, passar as férias, embora que isto lhe fosse difícil; com efeito, a menina tinha escapado de casa, porque não podia mais suportar, as condições de vida difícil que sua madrasta lhe impunha.

Como estas crianças nos evangelizam!

Trabalhando diariamente, com as crianças, ficamos impressionadas por seu sentimento de satisfação e sua capacidade em suportar todos os insultos e continuar trabalhando nesta condição. Elas nos fazem pensar, no Menino Jesus sem defesa. Estas crianças são frágeis e, contudo, elas aceitam sua situação difícil. E, nós, aceitamos todas as situações nas quais nós nos encontramos?

Elas nos fazem pensar na passagem do Evangelho que diz: *“Não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes? Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas?”* (Mt 6, 25-26). A divina Providência age na vida de nossas crianças e, também na nossa.

Estamos preparadas para ajudar estas crianças, o máximo possível, a ter um futuro porque nelas vemos Cristo e a Caridade de Jesus Cristo crucificado nos impele. Diariamente, apresentamos estas crianças a Deus na oração, pedindo a graça de servir com a força de nossos braços e o suor de nossos rostos, a fim de aliviar aqueles que vivem na rua.

Irmã Joséphine OKWORI,
Filha da Caridade
Comunidade de Kentinkrono, em Kumasi (Gana)

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província do Congo Congo

*“Ele livrará o infeliz que o invoca,
e o miserável que não tem amparo” (Sl 71, 12)*

O acesso aos tratamentos médicos é um tormento para a população da República Democrática do Congo e, particularmente, em nossa cidade de Mbandaka.

Clarisse, uma jovem mãe de 25 anos, espera com alegria seu segundo filho. Ela vai regularmente ao hospital para a consulta pré-natal. No oitavo mês de gravidez, ela foi hospitalizada por causa da malária. No segundo dia de hospitalização, dois médicos a examinaram e deram um diagnóstico de suspeita: *sofrimento fetal ou morte no útero*. Eles decidem fazer uma cesariana de emergência.

Diante de Clarisse, eles começam a discutir o valor da cirurgia. Ela fica admirada e se preocupa. Em seguida, foi liberada a ordem da intervenção cirúrgica. A obstetra começa a preparar Clarisse, coloca-lhe uma sonda vesicular. Naquele momento, Clarisse grita: “por favor, eu não quero me operar, o meu bebê não está morto, está vivo, vejam o movimento do feto!”

Cheia de coragem, Clarisse desce da mesa de parto segurando sua sonda vesicular e coloca-se de pé. Diante de sua insistência, os dois médicos chamam um terceiro. Este, depois de tê-la examinado, pede para fazer uma ultrassonografia. O resultado conclui: “o feto vive e o parto poderá acontecer dentro de um mês”. Clarisse pede imediatamente que lhe removam a sonda vesicular.

Sem tardar, ela deixa o hospital e vai para sua casa. No dia seguinte, ela diz à Irmã Adrienne: *“Entreguei-me nas mãos de Deus, pedindo que sua vontade fosse feita. Minha Irmã, estava convicta que o bom Deus teria piedade de mim, porque Ele escuta os gritos dos pobres e dos infelizes”*. Em seguida, sua mãe voltou ao hospital para pagar as despesas de estadia e buscar seus pertences.

Irmã Adrienne reconforta Clarisse e admira a força de sua fé e o testemunho que tinha dado, de uma consciência bem esclarecida. Ela a convida a rezar a Deus, por todo o pessoal de saúde, todos os doentes abandonados, aqueles que, às vezes, morrem por falta de tratamentos adequados.

Um mês depois, Clarisse dá a luz a um lindo menino. Naquele dia, lágrimas de alegria inundam seus olhos, e seu coração enche-se de felicidade. Ela glorifica o autor da vida e toda a sua família agradece ao Senhor por esta maravilha. Clarisse fez a experiência da passagem do sofrimento à alegria. Do feto que diziam estar morto, nasce o bebê Ephraïm, bem esperto e saudável. Atualmente, ele tem três meses.

É um caso entre muitos! Deus vela! Rezemos para que, em nosso país, as necessidades das pessoas sejam consideradas, particularmente no campo da saúde.

As Filhas da Caridade da Província

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Quase Província

Uma Filha da Caridade
“Justa entre as Nações”

CERIMÔNIA DE ENTREGA DA MEDALHA DO “JUSTO ENTRE AS NAÇÕES”

Terça-feira, 11 de maio de 2010, o título de “Justa entre as Nações” foi entregue, postumamente, à Irmã Anne Cécile Ardoin, Filha da Caridade.

Esta cerimônia, realizou-se na Casa Mãe, rua do Bac, em Paris, e reuniu uma centena de pessoas do Comitê Francês Yad Vashem, na presença dos Grandes Rabinos Haïm Korsia e Alain Goldman e do Senhor Grobart, Vice Presidente do Comitê francês para o Yad Vashem e da Senhora Madeleine Kahn, a criança salva por Irmã Anne-Cécile Ardoin.

Em sua memória e para marcar sua importante participação no salvamento de uma criança judia, o Diploma e a Medalha dos “Justos entre as Nações” de Irmã Anne-Cécile Ardoin, memória póstuma, foram entregues à Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, acompanhada de duas Irmãs da Romênia. Esse foi um momento intenso de memória e de fraternidade.

A medalha dos “Justos entre as Nações” é atribuída pelo Instituto Yad Vashem de Jerusalém às pessoas que, arriscaram a vida para salvar os judeus que viviam sob Ocupação.

QUEM ERA ESTA CRIANÇA JUDIA?

Madeleine Woloch vive no 3º *arrondissement* de Paris com seus pais. Seu pai, Abraham, é de origem polonesa e sua mãe, Rosa, de origem romena; ambos são judeus e trabalham em comércio. Madalena nasceu em 1933.

Quando Madeleine completa 6 anos, sua mãe está para dar à luz. Logo, a menina foi enviada para a Romênia com sua avó, em Stanesti-de-Jos, na Bucovina. Dois meses depois, em 23 de agosto de 1939, em consequência do Pacto Germano-Soviético, as fronteiras romenas foram fechadas e Madeleine não pode retornar à França. As tropas alemãs entram na Romênia e os massacres acontecem em Stanesti-de-Jos. Os homens judeus são assassinados e, entre eles, o tio de Madalena. Sua tia com o filhinho de um ano, Madeleine e sua avó tentam salvar-se. Eles são capturados, deportados a Transnistria, a leste do rio Dniestre. Perseguidos em todos os acampamentos, passam por situações terríveis, sem comer, sem beber, sem saber aonde estariam algumas horas mais tarde. Depois de vários dias de caminhada, eles foram recebidos no campo de Cernivitsi. A avó morre de tuberculose.

Madeleine, nascida em Paris, é francesa, logo, tem passaporte francês. Em 1942, com a ajuda do Cônsul da França em Galatz, Madeleine foi retirada do campo e repatriada à Embaixada Francesa da Romênia. Aos 9 anos, seu estado de saúde é precário, ela contrai tífos. Ela foi internada no hospital de Galatz dirigido pelas Irmãs de São Vicente de Paulo. Irmã Ardoin, Superiora da Comunidade, cuida dela, dando-lhe mil provas de afeição com o objetivo de fazê-la esquecer o pesadelo vivido.

Três anos depois, Irmã Ardoin é chamada para a França. É um novo choque para Madeleine que se sente como “órfã” no hospital de Galatz. Pouco tempo depois, com as outras Filhas da Caridade do hospital, Madeleine vai para Bucareste e fica hospedada na casa das Irmãs de Nossa Senhora de Sião, sob um perfeito anonimato, mas o medo de ser denunciada é constante.

Em 1946, depois do fim da Segunda Guerra Mundial, Madeleine reencontra seus pais na França. Depois de tantos anos, os encontros são difíceis. As provações transtornaram a todos. Foi necessário refazer todo um percurso, e até mesmo, reaprender o francês.

Depois de um período escolar difícil e da readaptação à vida familiar, Madeleine se preparou para os estudos de medicina, profissão que exercerá durante 27 anos. Além disso, estudou para obter um Diploma de estudos aprofundados (DEA), mestrado em História, na Sorbonne, para conhecer melhor o seu passado. Ela nunca esqueceu Irmã Ardoin que soube confortá-la e tranquilizá-la ao sair do inferno dos campos de concentração.

CARTA DE AGRADECIMENTO DE MADELEINE KAHN

Dois dias depois da cerimônia, Irmã Evelyne Franc recebeu uma carta de Madeleine Kahn:

Querida Irmã Evelyne,

Durante muitos anos, pensei nas marcas de afeição que Mãe Ardouin tinha me dedicado sem que eu tenha encontrado como demonstrá-la a minha gratidão. Numa visita ao Yad-Vashem surgiu a ideia da Medalha dos Justos. Não falarei dos procedimentos inerentes a este reconhecimento de salvamento, mas dali em diante, meus dias se encheram de sonhos, quanto à atribuição desta medalha. Mas “não pensamos sozinhos... evidentemente, é necessário passar pelos outros”. Foi assim, que cheguei até a senhora, Irmã Evelyne, um pouco temerosa. Seu acolhimento fraterno afastou minha apreensão. A cerimônia de 11 de maio, só veio reforçar a minha primeira impressão. A simplicidade, a bondade, a generosidade com que a senhora e todas as Irmãs nos cercaram, permanecerão para mim, um momento memorável. Como agradecê-la por este acolhimento caloroso? Obrigado é uma palavra tão pequena e eu, gostaria de expressar muitas e muitas coisas. Certamente, poderia lhe telefonar, mas uma chamada telefônica é breve como a palavra obrigado e, eu sempre fui melhor na escrita do que no oral. Bernard Grasset disse: “A felicidade não se busca, a encontramos”. Neste dia de 11 de maio, eu a encontrei em você, com você, com as Irmãs, com minha família, com meus amigos. Por tudo isso, obrigada minha Irmã.

Com meus profundos sentimentos de respeito e consideração.

Madeleine Kahn

PS: Queira transmitir a todas as Irmãs, em particular, às Irmãs vindas da Romênia, meus pensamentos mais afetuosos.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

10º Ano da presença
das Filhas da Caridade no Laos

CONTEXTO GEOGRÁFICO E SITUAÇÃO DO PAÍS

A República democrática popular do Laos é um país, situado ao longo do rio Mekong, no sudoeste da Ásia. Laos faz fronteira com a China ao norte, Birmânia ao noroeste, Tailândia ao oeste, Camboja ao sul e Vietnã a Leste. O Mekong atravessa quase todo o país de Norte a Sul. A superfície do país é de 236.800 km², para uma população de 6.368.481 habitantes, vivendo com uma economia agrícola que assegura a sobrevivência mínima.

A maioria das pessoas pobres faz parte de grupos étnicos minoritários que, frequentemente, vivem em regiões distantes, de acessos difíceis e que dependem de meios de vida precários. A qualidade de vida é fraca e pobre. Os conflitos durante a guerra civil e as políticas econômicas dos primeiros anos da RDP do Laos, em particular, a tentativa de coletivização da agricultura, o conduziram a uma estagnação econômica. No entanto, em 1980, o governo começou a exercer uma política mais pragmática e, em 1986, iniciou algumas reformas para uma economia de mercado. E, portanto, algumas empresas privadas foram autorizadas a funcionar e os investimentos estrangeiros foram encorajados.

Desde 1997, data de sua entrada na aliança econômica dos países da Ásia do sudeste (ASEAN), as portas do país se abriram para receber ajuda de outros países. Muitas ONGs apoiam o governo, principalmente, nas áreas do desenvolvimento rural e urbano, da saúde pública e da educação. Vientiane, a capital, cresceu rápido e, acolhe continuamente, numerosas reuniões e conferencistas dos países da ASEAN.

SITUAÇÃO ECLESIAL

Os Jesuítas e a Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris (MEP) começaram a evangelização do reino do Laos no século XVII, mas sem sucesso. Em 1880, os padres do MEP conseguiram entrar no país, passando por Bangkok na Tailândia com sua “Missão do Laos” que compreendia os territórios que limitam as duas margens do Mekong. A convite deles, outras congregações religiosas entraram no país: as Amantes da Cruz de Jesus Cristo (1922), as Irmãs da Caridade de Santa Jeanne-Antide Thouret (1934), os Padres Oblatos de Maria Imaculada (1935) e o Instituto leigo dos Missionários Oblatos de Maria Imaculada (1957). No decorrer dos anos, o trabalho missionário expandiu-se e as vocações sacerdotais e religiosas aumentaram regularmente. A missão de evangelização foi realizada principalmente, graças à pastoral, a educação, saúde e os serviços sociais e a presença nas tribos que vivem nas montanhas, o diálogo inter-religioso, a tradução de livros litúrgicos e das Santas Escrituras e a formação.

Em 1975, quando os Comunistas chegam ao poder, as obras de evangelização regressam e o governo confisca quase todos os bens das pessoas. Missionários estrangeiros são mortos, outros são ameaçados e obrigados a deixar o país. Depois desta data, as vocações sacerdotais e religiosas diminuíram, a formação dos padres e religiosas cessaram. Temendo perderem a vida se professassem sua fé, os católicos também, são privados de toda ajuda pastoral e espiritual.

Em 2007, conta-se mais ou menos 45.000 católicos, 4 bispos, 14 padres, 29 seminaristas e 5 Congregações religiosas das quais 3 diocesanas.

A MISSÃO DAS FILHAS DA CARIDADE NO LAOS

A presença das Filhas da Caridade na República democrática e popular do Laos começou quando Irmã Julma Neo e Irmã Josefina Estremera visitaram o Laos por questões de visto. Lá, Irmã Julma conheceu uma Irmã da Caridade de Santa Jeanne-Antide Thouret que lhe fala da necessidade de suas Irmãs em aprender o inglês. Aproveitando esta oportunidade, a Província das Filipinas envia, em janeiro de 1998, Irmã Adelfa para ensinar-lhes o inglês, mas Irmã Adelfa não ficou satisfeita de ensinar somente o inglês, ela criou algumas atividades para um grupo de jovens, em união com os catequistas e outras pessoas engajadas na Igreja. Depois de um ano utilizando a ponte da amizade que liga o Laos e a Tailândia, Dom Jean-Khamse Vithavong, OMI, da diocese de Vientiane, leva em consideração as iniciativas de Irmã Adelfa e lhe pede para ajudá-lo em sua diocese, esta lhe aconselha a escrever uma carta à Visitadora, Irmã Teresa Mabasa.

Em 21 de junho de 1999, Irmã Corazon e Irmã Maria Jesusa são enviadas a Vientiane. No dia 27 de junho, uma comunidade de Filhas da Caridade é erigida e um contrato estabelecido entre a diocese e as Filhas da Caridade, pedindo-lhes para servir:

- Os idosos e doentes em suas necessidades espirituais, pastorais e sanitárias.
- Os jovens para responsabilizá-los a serem agentes de transformação e desenvolvimento, utilizando uma formação holística, orientada para o serviço, em vista de adquirir competências profissionais. Duas outras dioceses beneficiam desta formação para grupos de jovens.
- As mulheres e os casais, para dar-lhes uma formação geral, ajudá-los a participar de uma cooperativa que os fornecesse um meio para viver. Além disso, um *programa para o desenvolvimento das crianças* foi criado, onde é oferecida uma ajuda alimentar para as crianças desnutridas e doentes, bem como outras atividades educativas.
- Os migrantes para responder aos problemas e às necessidades dos migrantes Filipinos, notadamente, em Vientiane, capital do Laos.

A chegada das Filhas da Caridade no Laos foi providencial e histórica. Elas foram as primeiras missionárias religiosas vindas para o Laos, depois de 1975. Certamente, os problemas de visto de Irmã Julma faziam parte dos desígnios de Deus e de sua Providência.

Hoje, as sementes do carisma vicentino germinaram, cresceram e estenderam suas raízes em várias vilas e dioceses, criando serviços que respondem aos múltiplos problemas e, sobretudo, ao da pobreza.

As Irmãs se acostumaram também, com a situação conflituosa, considerando como normais os sentimentos de medo, de incerteza, de insegurança que fazem parte da vida quotidiana. A necessidade de ser prudentes e reservadas, favorece sua criatividade e colocando à disposição seus recursos, apesar dos limites, obrigações e proibições estabelecidas pelo governo.

A CELEBRAÇÃO DO DÉCIMO ANIVERSÁRIO

Para comemorar o décimo aniversário, de presença das Filhas da Caridade no Laos, uma série de formações permanentes e de atividades foram organizadas e encerradas no dia 28 de dezembro de 2009. As Irmãs se reuniram para a celebração eucarística celebrada por Dom Vithavong e pelo Padre Abogado, Diretor provincial, o Padre Inthirath, pároco da paróquia e três outros padres da Tailândia, com a presença da Visitadora, Irmã Josefina Estremera, das Irmãs vindas da Tailândia, amigos filipinos e dos paroquianos.

Em sua homilia, Dom Vithavong agradeceu as Filhas da Caridade pela contribuição na vida da Igreja do Laos, graças aos Programas de desenvolvimento em favor dos pobres, dos doentes e dos idosos, notadamente, das mulheres, dos jovens e dos migrantes. Ele agradeceu também, o Embaixador e o pessoal da Embaixada das Filipinas e os Filipinos que moram no Laos, pelo apoio dado às Irmãs e à missão que realizam. Depois do almoço, uma apresentação Powerpoint ajudou os espectadores compreenderem as simples e humildes origens das Filhas da Caridade no Laos. Foram apresentados danças, cantos e uma peça teatral, acrescentando alegria e beleza à celebração. O bispo também ofereceu alguns presentes, como expressão de seu reconhecimento.

Este 10º aniversário de presença das Filhas da Caridade no Laos, recordou-nos uma Palavra de São Vicente referente à fundação da Companhia das Filhas da Caridade: *“Eu não pensava nisso, Mademoiselle Le Gras também, não”*. Será que hoje, ele não nos diria: *“Lá onde estão os pobres, é necessário Filhas da Caridade”*?

Irmãs da Província

TESTEMUNHO DA FAMÍLIA VICENTINA

Casa Mãe, 29 a 31 de janeiro de 2010

16º Encontro dos responsáveis
pela Família Vicentina internacional

De 29 a 31 de janeiro de 2010, o 16º Encontro dos Responsáveis pela Família Vicentina internacional (AIC, CM, FC, SSVP, JMV, AAM, Misevi), realizou-se na Casa Mãe das Filhas da Caridade em Paris. No contexto da celebração do 350º aniversário da morte dos Fundadores, o Padre Grégory convidou outros membros dos Conselhos gerais dos diferentes ramos: Religiosos de São Vicente de Paulo, Federação das Irmãs da Caridade de Estrasburgo, Federação das Irmãs da Caridade da América do Norte, Irmãos da Congregação Mãe da Misericórdia.

Num primeiro tempo, dois conferencistas expuseram um aspecto da personalidade e da vida dos dois Fundadores; depois os convidados de dois ramos da Família vicentina apresentaram a história de sua Congregação e seu apostolado atual. Enfim, membros de outros ramos da Família sublinharam como, em seu apostolado atual, eles buscam viver o Espírito do carisma vicentino com criatividade.

EXPOSIÇÃO SOBRE OS FUNDADORES

Com o objetivo de aprofundar o nosso carisma, duas conferências foram apresentadas, uma sobre Santa Luísa e outra sobre São Vicente.

Santa Luísa de Marillac

Com seu conhecimento e sua profunda admiração por Santa Luísa, Irmã Antoinette-Marie Hance, Filha da Caridade, partilhou conosco seus conhecimentos sobre, como Luísa se maravilhava com o projeto de Amor de Deus para a humanidade. Ainda hoje, Ele utiliza os nossos caminhos para manifestar este Amor. Em sua intervenção, Irmã Antoinette-Marie convidou-nos a descobrir alguns aspectos do percurso de Santa Luísa:

- Numa primeira parte, ela nos apresentou o quadro da vida de Santa Luísa em dois tempos: os primeiros 35 anos, marcados por *“uma certa pobreza com os fundamentos de sua vida”*, e os últimos 34 anos intitulados *“o milagre da serva de Deus”*, mostrando a ação de Deus em sua vida e seu engajamento a serviço dos pobres.

- A segunda parte ilustrou um belo exemplo de sua colaboração a partir da obra das Crianças Abandonadas. Irmã Antoinette Marie nos disse que Luísa escolheu este serviço, não só porque era significativo e o início desta obra difícil, mas também para por em evidência, como Luísa foi capaz de suscitar a colaboração de pessoas, indo do mais alto nível social ao mais modesto e de coordenar a criação de novas Instituições.

- Enfim, numa terceira parte, ela nos revela o segredo da colaboração de Santa Luísa: buscar a vontade de Deus para que seu Projeto de Amor se realize para os pobres. O coração de Cristo ocupou, de certo modo, o lugar do coração de Luísa. Irmã Antoinette-Marie sublinha os aspectos mais importantes da espiritualidade de Santa Luísa: sua busca da Vontade de Deus, sua contemplação da Trindade e do Verbo encarnado, a contemplação do mistério da Encarnação Redentora, da Virgem Maria como obra prima de Deus e da Eucaristia que recapitula tudo.

Esta apresentação foi seguida de trabalhos em grupo. Na sessão plenária, muitos participantes confessaram ter descoberto uma Luísa de Marillac bem diferente daquela que pensavam conhecer: uma mulher com muitos talentos, uma boa organizadora e administradora, uma excelente colaboradora de Vicente de Paulo e das Senhoras da Caridade, animada por uma profunda vida espiritual. Sua vida e suas obras nos servem de modelos.

São Vicente de Paulo hoje

O Padre Robert Maloney, com sua grande experiência, começou sua conferência, expondo-nos os aspectos mais marcantes da *“Mudança de perspectivas nestes últimos cinco anos”*. Depois do Concílio Vaticano II, ocorreram muitas mudanças na Igreja. Nós vicentinos, passamos da dupla *“Família Vicentina”* (Lazaristas e Filhas da Caridade) à *“Família Vicentina”*, expressão que engloba todos os ramos, com seus projetos e atividades em comum. Passamos também, da predominância das ideias e dos costumes europeus à uma Família Vicentina Internacional, onde as dos outros continentes são também importantes. Finalmente, passamos de uma atitude de assistência ao trabalho com os pobres, para que eles mesmos, sejam atores de sua própria promoção.

Na parte *“São Vicente em seu tempo”*, o Padre Maloney nos falou sobre a rica personalidade de São Vicente, destacando *“sua relação filial com o Pai”*, que lhe permitiu unir a contemplação e a ação, e *“sua caridade ao próximo”* de maneira que, na cerimônia de seus funerais, pôde-se afirmar que ele tinha *“quase mudado o rosto da Igreja”*.

Falando de *“São Vicente hoje”*, o Padre Maloney nos comunicou suas esperanças para a nossa Família Vicentina: que sejamos contemplativos na ação; que nossa colaboração na evangelização e promoção dos pobres se intensifique; que estejamos próximos dos pobres na luta pela justiça; que sejamos criativos, colocando em prática a mudança sistêmica em nossos projetos e sempre preocupados

em semear a paz. Ele encerrou sua apresentação convidando-nos a ser apaixonados pelos pobres e pela justiça.

Na partilha dos trabalhos de grupos, outras mudanças foram destacadas, além daquelas citadas pelo Padre Maloney: os diferentes ramos vicentinos são mais conscientes de pertencer a uma mesma família e há uma maior colaboração nos projetos comuns. Em relação aos aspectos importantes da personalidade de São Vicente, destacou-se o fato de que ele fora conselheiro de grandes personagens; seu progresso sem passar à frente da Providência e seu grande desejo de eliminar as causas da pobreza. Em relação às esperanças para a Família Vicentina, expressou-se o desejo de viver a nível local, o que se viveu durante o Encontro, com a mesma intensidade e que trabalhemos juntos pela justiça, que todos os ramos se unam, respeitando sua diversidade.

APRESENTAÇÃO DE DOIS NOVOS RAMOS DA FAMÍLIA

Dois convidados, membros da Família, apresentaram o histórico de sua Congregação, seu carisma e apostolado atual.

As Irmãs de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia.

Criada em 1832. Um jovem Padre entusiasmado: Johannes Zwijsen, vendo as condições de vida de seus paroquianos, na cidade industrial de Tilburg (Países Baixos), fundou as Irmãs de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia. No início, elas se dedicavam à educação das meninas, mas depois, voltaram-se para os doentes e os idosos. Em 1844, este padre fundou também, os Irmãos da Congregação Mãe da Misericórdia para cuidar dos meninos.

Nossa Senhora da Misericórdia é sua patrona e Johannes Zwijsen redigiu as primeiras Regras, inspirando-se em São Vicente de Paulo, o qual admirava muito. Com a morte do Fundador em 1877, as Irmãs eram 1.426. Durante o século XIX, a Congregação expandiu-se estabelecendo-se na Bélgica, Grã Bretanha, Estados Unidos e Indonésia. Durante o século XX, foi implantada no Zimbábue, Alemanha, Brasil e Filipinas. Atualmente, elas são 750 Irmãs.

Seu apostolado é realizado nas escolas, pensionatos, orfanatos, hospitais, residências de pessoas idosas, deficientes e pastoral paroquial. Elas têm a preocupação de defender os mais pobres, oferecendo-lhes uma educação adequada, elaborando projetos de natureza social. Procuram colaborar com outros, a fim de continuar o serviço dos pobres. Recentemente, a Congregação redescobriu São Vicente que para elas é uma fonte contínua de inspiração. Elas também, estão em relação com outras congregações que seguem o mesmo carisma.

Os Irmãos da Caridade

Até o Século XIX, os doentes mentais eram rejeitados pela sociedade e recolhidos nos chamados antigos asilos. Em Gand, na Bélgica, eles eram presos num lugar chamado castelo do Diabo, em compartimentos úmidos e frios sem nenhuma higiene.

Em 1815, o padre Pierre Joseph Triest, que fundara a Congregação dos Irmãos da Caridade em 1807, libertou os doentes mentais do Castelo do Diabo de suas algemas e os Irmãos começaram a cuidar deles em seus cárceres. Este acontecimento foi um sinal, pela primeira vez, os doentes mentais eram tratados com afeição como seres humanos. Depois de ter realizado outras experiências em outros lugares, com crianças de ruas, doentes incuráveis... dez anos depois, Pierre Joseph Triest junto com os Irmãos da Caridade escolheu o serviço definitivo da Congregação: cuidar dos idosos, doentes mentais, dos deficientes. Escolheu São Vicente de Paulo como o Patrono da Congregação.

Em 1860, os Irmãos se instalaram no Canadá, em 1911, na África do Sul, Ruanda, Burundi, Indonésia, Peru em Papua, Nova Guiné e Filipinas. Hoje, a Congregação compreende mais ou menos 600 membros, presentes em 30 países. O Padre Triest é chamado de “Vicente de Paulo da Bélgica”.

HOJE, APOSTOLADO VIVIDO DE MANEIRA CRIATIVA

Os participantes dos diferentes ramos apresentaram seu apostolado atual, o qual procuram realizar de maneira criativa e dinâmica em nosso mundo contemporâneo.

AIC (Associação Internacional das Caridades)

Desde 2007, as Voluntárias de Puebla (México) estão a serviço de um grupo de idosos cegos ou com pouca visão. Elas se reúnem toda semana para partilhar juntas o Evangelho e refletir sobre sua maneira de servir.

Em 2008, as Voluntárias da Itália assinaram um protocolo de colaboração com o Escritório de menores do Ministério da Justiça para trabalhar na reinserção dos jovens de 14 aos 21 anos que saem da prisão. Na Sicília, as Voluntárias acolhem jovens, enviados pelo Centro de justiça juvenil. Eles são reintegrados em atividades de serviços diferentes com pessoas deficientes.

CM (Congregação da Missão)

Em Xirrundzo, no Moçambique, 5 Padres e um Irmão estão a serviço de três Paróquias; eles responsabilizam os leigos em diferentes serviços e ministérios: acompanhamento dos doentes de Aids, reforço escolar para órfãos, serviço de capelania do Hospital do Carmelo, administração do Projeto da Vice Província de criação de animais e o Centro de promoção humana “Renascer na esperança”.

FC (Filhas da Caridade)

Em 2006, as Filhas da Caridade chegaram a Tanzânia (Masanga), convidadas pelo Bispo do lugar, para servir na área da saúde, da educação e da animação pastoral. A Comunidade é formada por Irmãs vindas dos Estados Unidos, de Madagáscar e do Congo. O Posto de Saúde é, hoje, um hospital bem equipado. Recebeu a autorização para desenvolver o Projeto DREAM, em colaboração com a Comunidade Sant'Egídio. As Irmãs trabalham na promoção da mulher. O objetivo a longo prazo é de chegar a abordar as questões de justiça social, principalmente, em relação às crianças e às mulheres. Diante da questão da excisão, as Irmãs, apoiadas pelo Bispo, de comum acordo com as autoridades e os pais de 53 meninas, começaram a desenvolver um programa para substituir este rito de iniciação. As meninas e seus pais ficaram orgulhosos e conscientes de viver uma mudança histórica.

SSVP (Sociedade de São Vicente de Paulo)

Desde 1990, a Fazenda de Nowra, na Austrália (Novas Gales do Sul) propõe serviços de reabilitação a pessoas que sofrem distúrbios mentais ou dependência, com o objetivo de permitir-lhes reconstruir suas vidas. A residência acolhe 12 pessoas, que geralmente permanecem lá por 3 meses. Elas recebem acompanhamento psicológico e assistência médica. A chácara é formada por 5 prédios, cada residente tem um quarto individual e estão implicados em diferentes níveis no funcionamento do estabelecimento, cada um de acordo com suas capacidades.

Federação das Irmãs da Caridade de Estrasburgo (formada por 14 Congregações)

Sua ação se situa no campo da saúde na Europa. Elas trabalham nas Instituições marcadas pela alta tecnologia, o estudo da bioética cuja organização está submetida às pressões econômicas. O contexto atual se preocupa muito com questão da dignidade humana: como recusar o aborto reembolsado pela proteção social? Como respeitar a dignidade do moribundo?

Há 10 anos, as Irmãs começaram um processo de reflexão de reflexão e de formação com os leigos. Elas formaram três grupos: os Superiores gerais, as Irmãs responsáveis, os Diretores das Instituições. Uma reflexão e escritos comuns terminaram com a redação de uma Carta com valores a serem vividos na comunidade hospitalar para defender a dignidade humana, desde a fecundação até o fim da vida.

Federação das Irmãs da Caridade da América do Norte

As doze Congregações da Federação abriram uma missão de colaboração em Nova Orleães, onde os pobres ainda não superaram o desastre causado pelo ciclone Katrina. Nos serviços de saúde, nos serviços sociais e nas escolas faltam pessoal profissional. Voluntários a curto prazo os substituem. A Casa de Caridade oferece-lhes um espaço e os ajuda a viver uma reflexão apostólica sobre o seu tempo de serviço. As Irmãs coordenam a atividade dos voluntários e utilizam seus conhecimentos profissionais para trabalhar com outros membros da Família Vicentina.

Irmãos da Congregação Mãe da Misericórdia

O Irmão Linus Schousten e sua equipe permanente de cinco pessoas (dois a tempo parcial), dão esperança e alegria às 96 prisões do Quênia. A organização realiza este serviço desde 1984. Organiza bibliotecas, assume a coordenação dos exames, fornece materiais de higiene, aconselha e apoia atividades esportivas. Nestas prisões, as pessoas são aglomeradas, com um número de prisioneiros três vezes superior à sua capacidade e, por isso, para dormir, as pessoas devem fazer rodízio. O nível de corrupção é muito elevado.

Uma das partes mais importantes do projeto é de dar aos prisioneiros, a possibilidade de uma formação primária, secundária e profissional. O número de presos recebidos para os exames oficiais é bem elevado. Os funcionários também beneficiam desta formação.

Conclusão

Em seguida, foi dada uma informação sobre as atividades do 350º aniversário: apresentação das grandes celebrações em Paris e em Roma, reflexões vicentinas mensais publicadas na página web, a publicação do livreto dos 350 anos, o projeto de microcrédito no Haiti. Finalmente, o Padre Manuel Ginete fez um relatório sobre o desenvolvimento das Sessões continentais para os Assessores da Família vicentina (México, Brasil, Camarões, Tailândia). A próxima sessão acontecerá nos Estados Unidos em novembro de 2010. Estas sessões são organizadas pela Comissão da mudança sistêmica e o escritório da Família vicentina em Roma.

Enfim, foi dada uma última informação sobre a próxima Jornada Mundial da Juventude que será realizada em Madrid, agosto de 2011.

Trecho da Ata

PREPARAÇÃO DO ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO

III – Luísa de Marillac, organizadora

1660 - 2010

“Amplia o espaço da tua tenda, desdobra sem constrangimento as telas que te abrigam, alonga tuas cordas, consolida tuas estacas, pois deverás estender-te à direita e à esquerda; teus descendentes vão invadir as nações...” (Is 54, 2-3).

“Meu Pai, só sei dizer que a vida da Senhora Le Gras é um espelho em que devemos todas ver-nos”¹

Depois da morte da Senhora Le Gras, Padre Vicente reuniu as Irmãs para falar das virtudes que tinham observado nela e da escolha das virtudes que desejavam imitar. Esta magnífica resposta nos interroga. A originalidade do espírito do Padre Vicente tem sua raiz em Jesus Cristo encarnado para

realizar a **vontade do Pai, que é vontade de serviço para o homem**. Para Luísa de Marillac, a “Luz de Pentecostes” traçou o caminho da **mística da ação** não para o futuro, mas para presente. Luísa esforça-se para ser fiel a Deus no momento presente. Pouco a pouco, à medida que se descobrem as necessidades, ela **se doa**.

LUÍSA ORGANIZA SUA VIDA

1625 - Antoine Le Gras está em sua eternidade desde 21 de dezembro... “... *Estava sozinha com ele, para esta passagem tão importante*”, escreverá. Ela renova seu voto de viuvez. O desejo que pulsava no mais profundo de seu coração, encontra-se expresso na carta escrita a seu primo: “*Não é razoável que eu seja toda de Deus, depois de ter sido tanto deste mundo. Digo-vos pois, meu querido primo, que eu o quero de todo o meu coração e da maneira que o agrada...*”². Apesar desta certeza, ela espera pelas luzes de Deus, buscando por toda parte a luz. Nestes momentos difíceis, é verdade que o trabalho espiritual é o essencial, mas Luísa deve ajustar a situação material. A má administração proveniente de um trabalho esgotante na família de Attichy fez negligenciar a de casa.

Uma decisão se impõe. Desde os primeiros meses de sua viuvez, apressada por esta necessidade de economia, mas mais ainda para fazer-se uma vida de solidão, de devoção e de boas obras, Senhora Le Gras retirou-se do mundo onde vivera até então. Ela transferiu seu domicílio num distrito excêntrico desconhecido dos grandes, na paróquia São Nicolau de Chardonnet, no lugar de uma antiga casa na rua dos Fossés Saint Victor.

Senhora Le Gras não está só. Seu filho Michel tinha doze anos quando seu pai morreu. Natureza boa, embora muito terno, em contato contínuo com uma mãe piedosa, ele tinha manifestado certa atração pelo sacerdócio. O Seminário São Nicolau era, desde então, a casa indicada para sua educação e o pensamento que ele pudesse fazer os estudos sem ficar perto dela, dava a Luísa uma consolação indizível. Padre Vicente será muito tempo o guia de Michel para a grande satisfação de sua mãe.

REGULAMENTO DE VIDA

Nos primeiros meses de sua instalação a Saint Victor, Luísa redigiu um regulamento de vida no mundo, que ela introduziu por algumas palavras: “***Em nome de Deus, possa eu viver assim, se me permitirem!***” Este regulamento começa com o levantar. “... *uma vez de pé, farei imediatamente a oração (durante) meia hora ou três quartos... depois da Santa Missa... de volta à casa, trabalharei até às onze horas... ao meio dia exato, uns quinze minutos de oração. Procurarei nunca ficar desocupada, por isso... voltarei ao serviço, **trabalhando alegremente**, seja para a Igreja, seja para os Pobres, ou então para a utilidade da casa; o trabalho irá até quatro horas. Depois da ceia, terei meia hora de recreação...*”³

Luísa não especifica o conteúdo, passa imediatamente ao exame de consciência, especifica alguns pontos particulares: “... *examinando-me, de vez em quando, de que modo vivo como cristã e católica, como mulher que deseja ser devota e observar fielmente os mandamentos de Deus... lerei uma vez por semana, os pontos que escrevi há uns cinco anos, para que me sirvam de lembrete da resolução tomada de servir a Deus por toda a minha vida...*”⁴.

... trabalharei quanto puder na mortificação de minhas paixões, principalmente na da vaidade e grande prontidão...

... jejuarei todas as sextas feiras do ano, no Advento e Quaresma...

*... desejaria fazer de oito ou a dez dias de Retiro, duas vezes ao ano, isto é, nos dias entre a Ascensão e Pentecostes, para honrar a graça que Deus fez à sua Igreja, dando-lhe o Espírito Santo para conduzi-la e a escolha dos Apóstolos para anunciar seu Santo Evangelho, e para levá-lo à prática, porei uma intenção particular em ouvi-lo e terei devoção à Lei de Deus que são seus mandamentos”.*⁵

OS RETIROS

Estes retiros têm na existência de Luísa de Marillac um lugar primordial. Padre Vicente a orientou neste caminho e acrescentou ideias de uma grande espiritualidade... “*Esquecia-me de dizer-vos para não sobrecarregardes com regras a praticar, mas que vos esforceis em cumprir bem as tendes de*

fazer, vossas ações diárias, vossas ocupações, em uma palavra, que tudo contribua para fazerdes bem o que realizardes...”.⁶

No fim destes exercícios, ela escreveu um ato de consagração a Deus, assinou **Luísa de Marillac** comprometendo-se não deixar de fazê-lo no futuro. Um regulamento foi escrito, no início do qual lê-se: *“esteja sempre em meu coração o desejo da santa pobreza, para que, livre de tudo, possa seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda humildade e mansidão, vivendo em obediência e castidade toda a minha vida...”*⁷

A revisão que Padre Vicente fez destas regras consistiu sobretudo em atenuar as penitências corporais, restringir os jejuns excessivos, moderar o ardor fatigante na confecção de roupas para os pobres. A devoção de Luísa, simples, positiva, prática, tinha a tendência de fazer penetrar o amor divino nas ações diárias. Para alimentar sua devoção, as fontes foram bastante elevadas: a devoção à Eucaristia, a Jesus crucificado, ao Espírito Santo, o qual celebrava cada ano com fervor o advento para a Igreja e sua vida pessoal. A devoção a Jesus no Pobre a tornou capaz de triunfar de suas preocupações, de reagir contra suas fraquezas. Os encorajamentos de seu diretor espiritual o convidavam a *“esperar com paciência a evidência de sua santa e adorável vontade...”*⁸

A FORMAÇÃO DE LUÍSA DE MARILLAC POR PADRE VICENTE

Padre Vicente, o novo diretor espiritual, forma sua filha à sua maneira. Ele observa, aconselha, pede e a associa diretamente ao seu trabalho pelos Pobres: em primeiro lugar, é duas ou três camisas que ele lhe pedirá, em seguida quatro, e agradece pelas doze camisas enviadas. Neste mesmo período, ele o recomenda duas jovens, para encontrá-las trabalho.

Por volta de 1628, Luísa expressa-lhe **o desejo de se consagrar totalmente a serviço dos Pobres**. Tendo visto mais de perto as ações apostólicas em todos os exercícios de sua caridade, ela se sentia fortemente animada por seus exemplos e concebeu o desígnio de consagrar sua vida a serviço dos pobres, colaborando com seus santos projetos.

Para Padre Vicente, ele faz esperar a manifestação da santa vontade de Deus. Ele se aplica acima de tudo a formá-la na vida interior e nas grandes virtudes necessárias ao Apóstolo da Caridade: humildade, simplicidade, despojamento de si mesmo. Ela entra com ardor em suas visões, porque quer para si o que se vê praticando: vida interior, contemplação e ação. Sob o impulso da graça, Luísa compreendeu que havia ainda purificações a fazer em suas devoções particulares, *“não sofrer quando faltá-la, porque Deus é amor e quer que vamos a Ele por amor”*.⁹

Padre Vicente nem sempre é apressado, a hora de Deus se faz esperar. E eis que 6 de maio de 1629, um convite, sem preparação aparente, se torna **envio em missão por Padre Vicente**: *“Ide, Mademoiselle, em nome de Deus...”*¹⁰. É por estas palavras, depois de anos de paciência que Vicente envia Luísa nas estradas da Caridade.

Montmirail (1629): primeira experiência,
Saint-Cloud (1630): encontro com Margarida Naseau,
Villepreux (1630): conselho para o catecismo,
Montreuil em 1631: regulamento da Confraria:

Padre Vicente escreve: *“... acrescentei o que é conveniente a Montreuil. Vós o vereis. Se há algo a tirar ou acrescentar, chame-me, por favor. A solicitação se fará com dificuldade por esta aldeia (...)*¹¹ por causa dos desdêns dos habitantes...

Outro apelo depois dos dias difíceis: *“Pois bem, se vossas jovens já estão instruídas que é o que resta a fazer e por que não voltais amanhã? Estão precisando muito de vós na Caridade de São Sulpício, onde já deram algum começo; mas, vai tudo tão mal, conforme me disseram, o que é uma lástima. Talvez Deus vos reserve a ocasião de trabalhar lá”*.¹² Uma carta a chama a Villeneuve-Saint-Georges, onde a Caridade vai mal, e eu penso que **Nosso Senhor reserva para vós o êxito dessa boa obra**.¹³

Por sua correspondência com Luísa de Marillac, descobrimos que Padre Vicente lhe dá uma grande parte em sua obra apostólica: *“Estava certo de que encontraríeis dificuldades muito grandes na reorganização da Caridade, maiores até do que as que me referistes, Bendito seja Deus, porque há motivos para esperar que conseguireis renová-la”*.¹⁴

Neste mesmo período, ele manifesta pelo correio sua satisfação pelo vínculo afetoso entre a Mademoiselle Pollalion, Madame Goussault e Luísa de Marillac: *“Meu Deus! Como é boa esta pequena Companhia! Peça a Nosso Senhor unir, no Seu, os vossos corações num só e que fortaleça a todas nos vossos trabalhos”*.¹⁵

Por volta do mês de julho de 1632, é o **apelo à comunicação** para assunto sério, dirigido a Luísa de Marillac: *“Mademoiselle, seria bom que conversásseis com Madame Goussault e Mademoiselle Pollalion a respeito de Germana, professora em Villepreux depois de muitos anos, para terdes o parecer delas. Somente há dois dias, percebi essa maneira de agir que me parece de cordialidade e deferência, e talvez eu lhes tenha causado pena, levando-vos a tomar a decisão final acerca de vosso serviço, sem nada lhes haver dito”*.¹⁶

DEUS QUER SERVIR-SE DE VÓS...

Margarida Naseau está no hospital. Mademoiselle visita-lhe. Padre Vicente a avisa e logo lhe escreve: *“Mademoiselle, não temais; Nosso Senhor quer servir-se de vós para algo que se refere a sua glória e estimo que Ele vos conserve para isto”*.¹⁷

A Luz de Pentecostes não deixa Luísa; no entanto, Padre Vicente, bem informado, tenta fazê-la esperar: *“quanto ao que se refere a nosso assunto especial, ainda não tenho o coração bastante esclarecido diante de Deus, no tocante a uma dificuldade que me impede de ver se é esse o desejo de sua divina Majestade”*.¹⁸

Padre Vicente está em retiro. Numa carta à Mademoiselle, está a resposta tão desejada: *“... estou achando que o vosso anjo bom fez o que me indicastes na carta que me escrevestes. Há quatro ou cinco dias, comunicou-se com o meu, a respeito da caridade de vossas filhas, pois, de fato, sugeriu-me sempre a lembrança delas e pensei seriamente, nessa boa obra”*¹⁹ (continua).

Irmã Claire HERRMANN
Filha da Caridade

Notas

¹ Coste X p. 719 – Conferência de 3 de julho de 1660

² Gobillon, p. 687

³ Escritos Espirituais, p. 786

⁴ Escritos Espirituais, p. 786

⁵ Escritos Espirituais, p. 689

⁶ Documentos – nº 183, p. 171, penúltimo parágrafo, Coste I, L. 266, p. 194

⁷ Escritos Espirituais, p. 687

⁸ Coste I, L. 12, p. 26

⁹ Documentos – nº 46, p. 49, Coste I, L. 49, p. 86

¹⁰ Documentos – nº 49, p.78, Coste I, L.39, p. 73

¹¹ Documentos – nº 79, p. 80, Coste I, L. 64, p. 104-105

¹² Documentos – nº 49, p. 64, Coste I, L. 66, p. 108

¹³ Documentos – nº 49, p.52, Coste I, L. 85, p. 130

¹⁴ Documentos – nº 79, p. 94, Coste I, L. 110, p. 161

¹⁵ Documentos – nº 79, p. 96, Coste I, L. 110, p. 160

¹⁶ Documentos – nº 81, p. 96, Coste I, L. 113, p. 165

¹⁷ Coste I, L. 131, p. 186

¹⁸ Coste I, L. 138, p. 200 – Doc. 99, p. 112

¹⁹ Coste I, L. 151, p. 218 – Doc. 104, p. 116

A espiritualidade de São Vicente e de Santa Luísa

ALGUNS ASPECTOS GERAIS SOBRE A ESPIRITUALIDADE

Embora a palavra “espiritualidade” já existisse no século XVII, nem São Vicente nem Santa Luísa o empregavam, seu uso se desenvolveu na segunda metade do século passado, seu sentido não era muito concreto, embora alguns escritores declarem que a espiritualidade expressa uma relação entre o espírito humano e o Espírito Santo. Ela pode ser considerada sob dois aspectos essenciais. O primeiro aspecto, que podemos chamar “escola de espiritualidade” (construção intelectual sistemática ou coerente) é o *principal ensinamento dos fundadores de Institutos religiosos*, com os seus princípios, causas e razões (exemplo: as escolas beneditinas, inaciana, vicentina...). O segundo que podemos chamar “vida espiritual” é a *ação do Espírito Santo na vida das pessoas* e, mais precisamente, *a resposta da pessoa à ação do Espírito Santo para se revestir do Espírito de Jesus Cristo, em solidariedade com os pobres*. Quatro elementos são pois, indispensáveis para a vida espiritual: a ação do Espírito Santo, a resposta da pessoa, o seguimento de Cristo e a solidariedade com os pobres. Como cristãos, somos comprometidas em seguir Jesus Cristo, revestir-nos de seu Espírito como dizem os Fundadores, continuar sua missão de evangelizar e servir os pobres.

DUAS GRANDES CORRENTES DE ESPIRITUALIDADE

Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, homem e Deus, o próprio cristão, é pecado e graça, miséria e imagem de Deus. De acordo com a ideia que o homem faz de si mesmo, pessimista ou otimista, de acordo com a que ele tem de Cristo, Deus diante de quem ele se prosterna ou o homem com quem ele fala, sua espiritualidade será diferente. Assim, na história, apareceram duas grandes correntes de espiritualidade. No primeiro, o homem se considera como nada, produto de pecado, face à grandeza de Cristo Deus; no segundo, ele se vê filho de Deus e encontra em Cristo Jesus o amor e a misericórdia do Pai. Estas duas correntes se ramificam numa profusão de modalidades.

PRIMEIRA CORRENTE DE ESPIRITUALIDADE: A ESCOLA FRANCESA

Na Paris do século XVII, a primeira corrente de espiritualidade pode ser representada, embora com algumas particularidades, por que a chamamos de *Escola Francesa* (Bérulle, Bento de Canfield, André Duval, diretor geral das Carmelitas na França, Miguel de Marillac), herdeira do Evangelho de São João, de Santo Agostinho, do pseudo-Dennis e dos místicos reno-flamengos.

Nesta escola de espiritualidade, considera-se Deus em sua Essência divina mais que em cada uma das três Pessoas da Trindade. Aqueles que seguem esta escola, querem cumprir a vontade de Deus para unir-se à Essência da divindade mais que imitar o Cristo. Na contemplação mística, eles desejam unir-se diretamente a Deus, sem nenhum intermediário, pondo de lado tudo o que vem da natureza humana, inclusive a de Jesus. Para chegar a esta união, o homem deve despojar-se totalmente, humilhar-se, esvaziar-se inteiramente até a uma grande pobreza interior. Assim, abandonado a Deus, deixa-se conduzir pelo Espírito Santo.

Sabemos poucas coisas sobre a vida interior de São Vicente, ele falou muito pouco desta.¹ Mas, considerando a linguagem que ele usa, parece que, durante os primeiros anos de sua vida em Paris, ele adere a esta primeira corrente de espiritualidade que ele conservará ao longo de sua vida, embora ele tenha acrescentado nela elementos mais humanos. Em sua linguagem aparecem alguns conceitos como a mortificação, a abnegação, o abandono, a corrupção da natureza humana; esta linguagem era corrente naquele tempo, era o do agostinismo desta escola.

Dos escritos de Luísa (orações, retiros), nos fazem conhecer mais a espiritualidade que ela tinha descoberto na Escola dos Capuchinhos e dos Oratorianos, enquanto Vicente, encontrara a de Bérulle.

Uma espiritualidade que respondia às necessidades de Luísa

Esta espiritualidade respondia bem aos questionamentos da jovem Luísa de Marillac. Oriunda da nobreza, ela foi deserdada e separada da família Marillac por causa de seu nascimento, retirada do pensionato de Poissy com a morte de seu Pai, ela percebe que está sozinha. Naquele tempo, a *família* à qual se pertencia é responsável pela pessoa, porém Luísa foi separada de sua família. Além disso, por sua condição de mulher, era sujeitada à autoridade de um homem: Pai, marido, irmão ou tutor e Luísa não tem nenhum homem para defendê-la. Por volta dos 15 – 16 anos, ela foi orientada à oração e à meditação por um Padre Capuchinho.

Quando ela já tem uma certa idade, Luísa, lembrando-se de sua juventude, escreve: *“sua santa vontade era que eu fosse a Ele pela Cruz, que sua bondade quis que eu tivesse desde meu nascimento e não me havendo quase nunca deixado em qualquer idade, sem ocasiões de sofrimento”* (A 29), perguntando-se por que tinha sofrido tanto. Sua espiritualidade a conduz a buscar a resposta junto de Deus. Na confiança em Deus, ela medita a sucessão dos acontecimentos de sua vida, ela compreende que é o desígnio de Deus e que é necessário colaborar com Ele, esta ideia a reconforta e dá um sentido a sua vida: *colaborar com Deus para que seu projeto eterno se cumpra.*

Casada, Luísa é dirigida pelo Bispo de Belley, Jean-Pierre Camus. Na oração, Luísa sente que o Espírito Santo a introduz na Noite escura (1622-1623), porta aberta para a contemplação mística. Ela faz a experiência profunda da presença do Espírito Santo nela. Nós a conhecemos por seu relato: *“pareceu-me que minha alma compreendia que seu Deus queria vir a mim, não como a um lugar de recreio ou de empréstimo, porém como em sua própria herança ou lugar que totalmente lhe pertencesse”* (A 17).

Isto a conduziu até às núpcias místicas (da qual fala Santa Theresa d’Ávila na 6ª morada): *“No dia de Santa Ágata, 5 de fevereiro, parti para a Saint-Cloud. Na sagrada Comunhão pareceu-me que Nosso Senhor me dava o pensamento de recebê-lo como ao esposo de minha alma, e mesmo, que isso estava se realizando em mim, à moda de esponsais, e me senti tão fortemente unida a Deus por esta consideração que me foi extraordinária, e tive o pensamento de deixar tudo para seguir meu Esposo e de olhá-lo doravante como tal, suportando as dificuldades que encontrasse como vindas da comunhão de seus bens”*. E logo, Luísa chegou à união transformadora: *“E ao longo de toda a viagem, parecia-me agir sem nenhum esforço de minha parte, com grande consolação porque Deus desejava que, embora indigna como sou, eu ajudasse meu próximo a conhecê-Lo”* (A 50).

Por outro lado, sabemos que Vicente, também, passou por uma Noite escura. Pelas visões (fenômenos extraordinários que podem acompanhar a oração contemplativa) ele conhece também a contemplação. Não é surpreendente que ele a tenha proposto às Filhas da Caridade ².

Luísa e Vicente se tornaram místicos, como Karl Rahner o deseja, dizendo que o cristão do século XXI será um místico ou não porque a espiritualidade do futuro não será baseada numa convicção unânime, evidente e pública, ela só crescerá na experiência espiritual e decisão pessoal³.

Porém, os fundadores sabiam que esta espiritualidade não podia ser aconselhada que a algumas Filhas da Caridade (LG. 39-41), porque a maioria delas eram simples camponesas, pouco cultivadas, com uma vida interior muito marcada pela religiosidade popular. Além disso, eles consideravam que, para se santificar, servindo os pobres, a outra forma de espiritualidade era mais apropriada, é aquela que eles lhes aconselharam mais frequentemente.

SEGUNDA CORRENTE DE ESPIRITUALIDADE: UMA DEVOÇÃO MAIS HUMANA.

Esta segunda maneira de viver a espiritualidade é baseada nos Evangelhos sinóticos. Ela tem muitos pontos comuns com a devoção moderna e um humanismo piedoso. As pessoas simples consideravam a espiritualidade reno-flamenga como algo confuso, abstrato que interessava mais aos

monges (isto é, um número pequeno) do que às pessoas que viviam e trabalhavam no mundo e necessitavam de uma espiritualidade mais humana e mais simples.

As grandes linhas desta espiritualidade (com muitas variantes) estão na “Imitação de Cristo” de Tomas Kempis, nos Exercícios de Santo Inácio de Loyola, com Irmão Louis de Granada, com Francisco de Sales.

É esta espiritualidade que Vicente e Luísa transmitirão às Filhas da Caridade. Os elementos mais importantes desta espiritualidade são: centrar-se em Jesus Cristo, imitá-lo em todos os aspectos de sua vida e não somente seu aniquilamento. Esta espiritualidade põe de lado o aspecto intelectual para se centrar na afetividade. Ela dá importância à oração metódica, insistindo sobre as resoluções práticas, escolhendo minuciosamente os temas de cada meditação, os graus, as partes da oração.

Guiado por Bérulle, **Vicente** entrou na santidade através da primeira espiritualidade, chamada “abstrata” e adota, em seguida, a segunda corrente espiritual à medida que se aproxima dos pobres. Progressivamente, toda a sua vida se centra nos pobres, ele pensa que esta primeira espiritualidade, com seu aspecto intelectual, não lhe é mais útil para ajudá-los e, então, pouco a pouco a abandona. Poderíamos dizer que ele é eclético porque, de acordo com suas necessidades em cuidar dos pobres e evangelizá-los, recorre ora Bento de Canfield, ora Bérulle, a Santo Inácio de Loyola, ao Irmão Louis de Granada ou a Francisco de Sales.

O progresso de **Luísa** é diferente. Desde o seu nascimento, ela sempre sofreu, teve que lutar sozinha para conseguir um lugar nesta sociedade de escalas sociais piramidais. Por tudo o que viveu, ela se sente atraída pelo aniquilamento proposto pela primeira corrente de espiritualidade dita “abstrata” e pela concepção pessimista da pessoa que tem um lugar importante no agostinismo do século XVII⁴ e, sobretudo, nesta primeira corrente de espiritualidade. O pensamento de Luísa é também muito metafísico.

A partir do ano de 1629, há uma mudança na espiritualidade de Luísa. Vicente a acompanha calmamente para uma vida com Deus mais humana, menos especulativa, mais centrada em Cristo e na vida diária. Isto vai até 1653 mais ou menos, onde ela volta à sua primeira espiritualidade mais tingida de cores vicentinas. É a espiritualidade que eu chamaria “Luisiana”, com uma forte presença do Espírito Santo. É uma espiritualidade trinitária onde o Espírito aparece em sua relação com o Filho e o Pai no seio da Trindade. Vemo-lo também em sua ação no coração do homem para incorporá-lo à humanidade de Cristo e permitir-lhe alcançar o puro amor através de um despojamento total⁵.

A ESPIRITUALIDADE DOS FUNDADORES

A espiritualidade da juventude de Luísa lhe deu uma base para o serviço dos pobres. O que Brémond dizia de São Vicente também pode ser aplicado a Santa Luísa: *“Não foi o amor pelos homens que a conduziu à santidade; foi antes a santidade que a tornou realmente eficazmente caridosa; não foram os pobres que a deram a Deus, mas Deus, ao contrário, que a deu aos pobres”*⁶.

O serviço alimenta a vida espiritual dos Fundadores

Vicente orienta Luísa facilmente para a descoberta e o serviço de Nosso Senhor nos pobres: *“Ide pois, Mademoiselle, ide em nome de Nosso Senhor”*. A partir de 1629, Luísa se torna *“A serva dos pobres”*.

Desde o seu cativo e a Noite escura, Vicente está convicto que ele deve levar socorro aos pobres, que estes esperam por sua ajuda em suas dificuldades. Não tem maldade a convencer Luísa a fazer o mesmo porque, em seu coração, “a Luz” comunicada por Deus alguns anos antes (1623) estava bem viva: ela devia ocupar-se pessoalmente dos pobres e ver como ajudá-los em suas necessidades. No fim de sua vida, ela meditará no fato de que Jesus: *“nos ensinou a caridade, para suprir a incapacidade em que nos achamos de prestar serviço a sua pessoa”* (A 26, 3º dia).

Vicente a sustenta nesta vida de solidariedade com a humanidade inteira. Na oração, os dois santos descobrem que, pela Encarnação, o Filho de Deus assume a natureza humana. Cada pobre é pois,

um membro sofredor desta humanidade e Jesus quer instaurar o Reino do céu para todos, inclusive os pobres. Vicente e Luísa são chamados a ajudá-Lo.

O mistério da Encarnação na espiritualidade dos Fundadores

A Encarnação se tornou então, o centro da espiritualidade dos dois fundadores, mas de uma maneira diferente.

Vicente não nos falou como este acontecimento influenciou toda a sua vida espiritual, mas nós sabemos como ele recomendava ensiná-lo aos pobres, para sua salvação. Era a mentalidade da época⁷. Jesus era tudo para ele em sua vida, ele ia até identificar a santidade com esta expressão “*Revestir-se do Espírito de Jesus*”. Na Encarnação, Bérulle dava mais importância à natureza divina de Jesus do que à sua natureza humana, é o que ele ensinava e partilhava com todos os espirituais que meditavam sobre Cristo. Vicente, também, ensinava e vivia uma espiritualidade cristocêntrica⁸.

Luísa mesma falava como a Encarnação do Filho de Deus mudou sua vida espiritual, como este mistério se tornou o centro de sua vida pessoal e de seu compromisso de Filha da Caridade. Várias indicações o confirmam: ela decide fazer seus votos na Companhia no mesmo dia da Encarnação que ela chama *nossa querida festa*, ela meditou este mistério e escreveu sobre este assunto, belas páginas⁹, seguindo a doutrina escotista (de Duns Scot) que ela se apropria. Esta afirma que a salvação dos homens se realiza na Encarnação e que se chega à santidade incorporando-se à humanidade de Jesus Cristo.

O amor de Deus, para que ele seja verdadeiro, deve amar não só a Deus, mas também o universo, objeto de seu amor. Luísa acrescenta que Deus não criou o universo do nada, Ele o criou *a partir dele próprio*, e Deus é amor. O homem, não só é fruto do amor de Deus, mas ele participa deste amor divino. Nós, homens que amamos a felicidade, não podemos encontrá-lo inteiramente nas coisas criadas, caducas e imperfeitas, mas só em Deus. Por isso, Luísa deve incorporar-se à humanidade de Cristo.

Ela meditou muitas vezes esta conclusão em profundidade: “*Vi que este poder de possuir-me, o devia à excelência do desígnio, que Ele teve ao criar o homem, de unir-se a Deus estreitamente por toda a eternidade, se pusesse em prática o único meio para isso: a Encarnação de seu Verbo o qual sendo homem perfeito queria que a natureza humana participasse à divindade por seus méritos e por sua natureza tão intimamente unidos*” (A 26, p. 937).

“*Pareceu-me que a humanidade santa de Nosso Senhor nos está continuamente presente... sendo como o ar sem o qual a alma não tem vida. Assim é que vi a Redenção do homem na Encarnação... a união pessoal de Deus no homem, honra para toda a natureza, fazendo com que Deus a veja em todos, como sua imagem*” (A 14, p. 898).

Os dois santos falam de seguir Jesus Cristo, de imitá-lo e aconselham *esvaziar-se de si mesmo e revestir-se do Espírito de Jesus Cristo*. Seguir e imitar Jesus Cristo, é caminhar com Ele e assumir seus sentimentos. Revestir-se de seu Espírito, é ser o próprio Cristo, o que implica incorporar-se na humildade do Cristo, *enraizar-se nEle como a fonte e o modelo de toda a caridade*, de acordo com São Paulo aos Colossenses: “*Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele, enraizados e edificados nele, firmados na fé*” (Col 2, 6-7). Entende-se, pois, que um dia, Luísa pode escrever: “*Vivamos, pois, como mortas em Jesus Cristo e, portanto, nada de resistência a Jesus, nada de ações senão por Jesus, nem pensamentos senão em Jesus; numa palavra, não mais vida senão por Jesus e pelo próximo, para que, neste amor unitivo, ame eu tudo o que Jesus ama, para que este amor cujo centro é o amor eterno de Deus por suas criaturas, alcance de sua bondade, as graças que sua misericórdia quer conceder-me*” (A 23, p. 900).

No início de suas visitas às Caridades, Luísa se reveste de Jesus Cristo de maneira que em uma de suas viagens, ela percebe que não era ela que agia, mas Jesus Cristo que tinha tomado posse dela (A 50).

A espiritualidade do serviço vivida em comunidade

Em Châtillon-les-Dombes, Vicente descobre que a ajuda aos pobres só é eficaz se trabalhamos em equipe. Então ele aprofunda as Caridades, a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade à qual Luísa de Marillac consagrará toda a sua vida. É assim que as linhas de sua espiritualidade se realizam: “*revestir-se*” do Espírito de Jesus Cristo para evangelizar e servir *os pobres em comunidade*”. Para chegar a isso mais facilmente, seus membros se apoiarão na Eucaristia, o sacramento de reconciliação e sobretudo a oração, como os espirituais do século XVII e Vicente o recomendava: “*Dai-me um homem de oração, e ele será capaz de tudo*” (Coste XI p. 83)¹⁰.

Para Vicente e para os Padres da Missão, o sinal de que eles estão revestidos do Espírito de Jesus Cristo, é a aquisição das virtudes de simplicidade, humildade, doçura, mortificação e zêlo para a salvação das almas (caridade missionária); para Luísa e as Filhas da Caridade, será a humildade, a simplicidade e a caridade¹¹. O eixo sobre o qual estão fixadas todas estas virtudes é a caridade, o amor ou, como chamamos, às vezes hoje, a solidariedade no serviço dos pobres, em comunidade.

Quando a solidariedade se chama compaixão

Mas a caridade ou a solidariedade *com aquele que sofre* vêm de uma emoção humana, de um sentimento do coração que chamamos compaixão: “*É necessário também tratar os pobres doentes como esta mesma bondade o ensina, isto é, com doçura, compaixão e amor*” (Coste X p. 332). Compaixão se torna um componente da espiritualidade dos dois fundadores na partilha e no serviço dos pobres. Estudamos bastante a caridade na espiritualidade dos Fundadores, seria necessário também estudar compaixão.

Por causa de sua infância, carente de afeição, a afetividade e a emotividade de Luísa são grandes. Vicente lhe dirá frequentemente que cuide de seus sentimentos, mas seu sofrimento a tornará muito sensível para com aqueles que sofrem. Vicente, apesar de ter um caráter de aparência carrancuda, duro e brusco, tem também um temperamento afetivo e cheio de compaixão: devoção ingênua pela Virgem; esmolas aos pobres; sentimentalismo quando, aos vinte anos, ele vê o túmulo dos apóstolos em Roma; dor profunda quando ele vai ver sua família e renuncia a ajudá-los financeiramente. Alguns anos depois, ele exclamará: “*Pensais vós que eu não gosto de meus pais? Tenho por eles todos os sentimentos de ternura e de afeição que qualquer um pode ter pelos seus; e este amor natural me solicita bastante para ajudá-los*”¹².

O amor começa pela compaixão: partilhar o sofrimento dos pobres, descobrir e remediar suas necessidades. Assim, a compaixão que Jesus sentia pelos pobres se comunica a nós e se transforma em caridade vicentina: “*O Filho de Deus, não podendo ter sentimentos de compaixão no estado de sua glória, que ele possui desde toda a eternidade no céu, quis fazer-se homem e tornar-se nosso Pontífice, para compadecer-se de nossas misérias. Para reinar com ele no céu, devemos nos compadecer, como ele, de seus membros que estão na terra*” (Coste XI p. 77).

Nesta espiritualidade, a primeira manifestação de compaixão, é de se aproximar dos pobres e sentir seu sofrimento. Luísa o diz bem claro a Vicente durante as calamidades da Fronda, porque é ela quem está com as crianças abandonadas, é ela quem ouve seus prantos e vê o despojamento das enfermeiras, pobres camponesas que ela não pode pagar (L. 279).

Vicente por sua vez, afirma que não se pode ter vida espiritual se não se vive a compaixão: “*Como ser cristão e ver o seu irmão aflito, sem chorar com ele! É permanecer sem caridade, é ser cristão de pintura, é não possuir nada de humanidade, é ser pior que os animais*” (Coste XII p. 271).

A grande dificuldade da espiritualidade, vicentina para o serviço dos pobres, está naquele que sofre com, doa, cura, ajuda, aparece como superior ao que recebe, o doente, o pobre. Aquele que sofre o risco de sentir-se superior àquele que sofre. Para evitar que a compaixão seja tingida de presunção para aquele que dá e de humilhação para aquele que recebe, Vicente e Luísa escolhem para a Companhia as virtudes de *humildade e de simplicidade* à imitação de Cristo humilde e simples. Este Deus se faz homem que nasce num estábulo, faz-se batizar como um pecador, enche-se de compaixão pelos homens, morre na cruz, quis fazer parte dos marginalizados, *dos humildes, dos anawim* da Bíblia¹³. A

compaixão provoca a querer tirar os pobres da miséria e anunciar-lhes um Reino de justiça, amor e paz que seja mais humano e compassivo.

A compaixão deve ser sincera, sem hipocrisia nem mentira. Somente com este tipo de compaixão que Luísa podia contemplar a simplicidade de Jesus criancinha ou a de Jesus na cruz. É o que Vicente aconselha às Irmãs¹⁴. Lendo as cartas de Luísa e as conferências de Vicente, vemos que eles consideram a compaixão como a maneira humana de viver como Jesus. A compaixão para com os pobres conduz a servi-los com simplicidade, doçura e respeito, bem como São Paulo o recomenda aos romanos: “*Que vosso amor seja sem hipocrisia... Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram. Vivei em boa harmonia uns com os outros. Não vos deixeis levar pelo gosto das grandezas; afeiçoai-vos com as coisas modestas. Não sejais sábios aos vossos próprios olhos*” (Rom 12, 9 / 15-16).

Padre Benito MARTINEZ, cm

Notas

¹ ABELLY, A vida do venerável servo de Deus... Paris, Florentin Lambert, 1664, Lv. I, ch. XVIII, p. 73. No entanto, ele usa ideias e uma linguagem que são a expressão desta espiritualidade, quando fala do sacerdócio, da vocação e da Vontade de Deus.

² Coste IX, 50, 420, 424-425.

³ K. Rahner Escritos Teológicos VII DDB. 1967

⁴ Certas teses antropológicas e teológicas de Santo Agostinho (profunda corrupção do homem depois do pecado original; necessidade da graça para a salvação) serão retomadas, endurecidas, por Jansenius. Esta influência marcará os séculos XVII e XVIII. Para Jansenius, a graça não pode ser obtida nem pela conduta virtuosa, nem mesmo pela oração e os sacramentos; mesmo os justos, para realizar os mandamentos, precisam da graça eficaz, outorgada somente pela misericórdia de Deus.

⁵ Releiam os maravilhosos escritos de Santa Luísa: A 25, 26 e 27 – Coste XII, 256-257.

⁶ H. BREMOND, História do sentimento religioso em França, T. III, A conquista mística, Paris, Boud B. e Gay, 1923, p. 246.

⁷ Coste I, 121; XI, 181, 382; XII, 80.

⁸ Coste XII, 264... 271.

⁹ A 13 bis, 14, 26, 71, 85...

¹⁰ Ver as duas conferências às Filhas da Caridade sobre a oração: de 31 de maio de 1648 e de 13 de outubro de 1658.

¹¹ Coste XII Conferência aos Missionários de 22 de agosto de 1659; Santa Luísa, A 78.

¹² Abelly Livro 3 C. XIX p. 293. Abelly diz que por volta do ano de 1650, o Senhor du Fresne deu-lhe mil francos para ajudar seus pais, despojados de tudo pelos soldados, quando enfim, o Santo aceitou, ele exclama: (frase citada no texto) e acrescenta “mas devo agir de acordo com os movimentos da graça, e não da natureza, e pensar nos pobres mais abandonados, sem me prender aos vínculos de amizade nem de parentesco”. Da mesma maneira, ele foi tocado por este eclesiástico, outrora padre da congregação da Missão, que uma vez lhe havia salvo a vida. Muitas vezes tinha pedido sua readmissão, sempre em vão. A ideia lhe vem lembrar o serviço prestado. Com esta lembrança, o Santo se deixa dobrar e lhe envia uma carta que Collet conservou-nos somente estas palavras: “Vinde, Senhor, e sereis recebidos de braços abertos” (Coste V p. 541).

¹³ SL. Escritos L. 183, 353, 377, 565, 647 bis: A. 8, 14, 62, M. 40 bis... SV. Coste XII, 265, 271...

¹⁴ SL. Escritos A. 8, 9, 21 e 21 bis. SV. Conferência de 24 de fevereiro de 1652.

Cobertura

Ano Jubilar

do 350º aniversário

da morte

dos Fundadores